

C. W. LEADBEATER

AUXILIARES
INVISÍVEIS

EDITORIA PENSAMENTO

C. W. LEADBEATER

Auxiliares Invisíveis

Tradução de
Fernando Pessoa



Editora Pensamento
São Paulo

Apresentação da Obra

AUXILIARES INVISÍVEIS

A Humanidade, desde por certo as longínquas eras do período paleontológico em que passou à classe dos homínidas e em que vivia em cavernas, competindo, em ferocidade e irresponsabilidade, com animais, e fazendo frente, a corpo descoberto, aos elementos da Natureza — sempre teve a crença, de acordo com a tacanhez do seu cérebro, no auxílio de seres invisíveis. E a prova o temos nos seus rituais e objetos de feição religiosa, que as escavações fósseis nos revelaram.

Essa crença, se bem tenha perdido as suas características selváticas, continua na era neontológica, isto é, nos dias de hoje. É uma chama viva cada vez mais ardente. Parodiando a asserção daquele filósofo de que se Deus não existisse precisaríamos inventá-lo, podíamos dizer que, se não tivéssemos certeza da existência supernatural de seres amigos, nós os inventaríamos.

Porém a invenção não seria nem é necessária se tomarmos conhecimento desta excelente obra de **C. W. Leadbeater: *Auxiliares Invisíveis***, que apresentamos ao nosso público em escorreita tradução vernácula.

Os *auxiliares invisíveis*, como o autor chama os Espíritos fora do corpo somático, se fazem sempre presentes, acudindo a uns e a outros de maneira diversa.

C. W. Leadbeater é um teosofista ilustrado, cujas palavras, pela

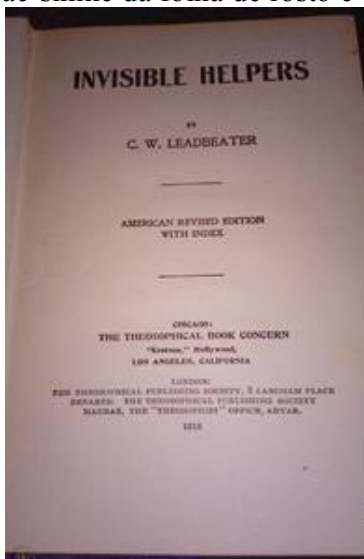
sinceridade dos conceitos, merecem ser ouvidas. É lógica e verdadeira a sua dissertação acerca dos auxiliares que, atuando numa vida superfísica, colaboram com o indivíduo terreno.

Os casos por ele relatados são verídicos e a alguns deles outros autores, de não menor nomeada, fizeram menção.

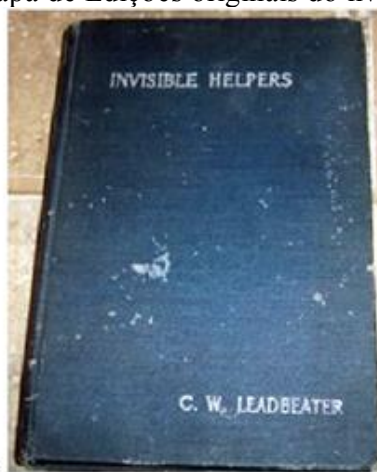
É, pois, com viva satisfação que pomos nas mãos dos nossos leitores mais uma obra de que só poderão auferir ensinamentos e proveito espirituais.

**A Editora
(1.976)**

Fac-símile da folha de rosto e da capa de Edições originais do livro



1915



1901
2ª Edição

Créditos

Título do original: Invisible Helpers

Autor: Charles Webster Leadbeater (1847-1934)

© The Theosophical Publishing House Adyar, Madras, India

2ª Edição (Inglês): 1901 (worthpoint.com) e **1ª Edição norte americana:** 1915 (Theosophy Website)

Direitos reservados da Editora Pensamento S.A.

Rua Conselheiro Furtado, 648 - São Paulo, SP

Tradução: Ausente na obra física. Wikipédia: **Fernando Pessoa** na coleção '*Theosophica e Esoterica*'. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1916.

Capa: Autor ausente na obra física.

Catlografia e Ficha Técnica: ausentes

MCMLXXVI — Impresso no Brasil

Conversão Digital 2020 — Digitalização Digital Source / Viciados em Livros. Atendido o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na revisão, cujas eventuais observações estão em Notas [N.R.]. E-Book sem fins lucrativos visando deficientes visuais; se não o for, considere comprar um original e doá-lo a uma biblioteca. **Informações complementares:** obtidas na internet, acessos janeiro 2020

E-book composto em parceria de:



Índice

Auxiliares Invisíveis
Apresentação da Obra
Créditos
Índice
Capítulo I. A Crença Universal neles
Capítulo II. Alguns casos modernos
Capítulo III. Uma Experiência Pessoal
Capítulo IV. Os Auxiliares
Capítulo V. Realidade da Vida Superfísica
Capítulo VI. Uma Intervenção a Tempo
Capítulo VII. A História do *Anjo*
Capítulo VIII. História de um Incêndio
Capítulo IX. Materialização e Repercussão
Capítulo X. Os Dois Irmãos
Capítulo XI. Naufrágios e Catástrofes
Capítulo XII. Trabalho entre os Mortos
Capítulo XIII. Outros Ramos de Trabalho
Capítulo XIV. As Qualificações Precisas
Capítulo XV. O Caminho da Provação
Capítulo XVI. O Caminho propriamente dito
Capítulo XVII. O Que está para além

Capítulo I.

A Crença Universal neles

Um dos mais belos característicos da Teosofia é que devolve às pessoas, numa forma mais racional, tudo quanto para elas existia de útil e de preciso nas religiões para além das quais o seu espírito havia evoluído. Muitos que quebraram a crisálida da fé cega, e subiram, nas asas da razão e da intuição, à vida mental mais livre e mais nobre de níveis mais elevados, sentem, contudo, que, durante a evolução que lhes trouxe esse ganho glorioso, alguma coisa perderam — que, ao abandonar as crenças da sua infância, abandonaram também grande parte da beleza e da poesia da vida.

Se, porém, as suas vidas no passado foram suficientemente boas para que lhes possa vir a oportunidade de entrarem sob a influência benigna da Teosofia, breve descobrem que, mesmo nesse aspecto, não houve perda, antes um lucro excessivamente grande — que a glória, a beleza e a poesia ali estão numa proporção muito maior do que antes haviam esperado, e não já como um sonho agradável do qual a fria luz do senso comum em qualquer ocasião os podia despertar, mas como verdades naturais suscetíveis de ser investigadas — que apenas se tornam mais brilhantes, mais plenas e mais perfeitas, à medida que mais são compreendidas.

Um exemplo notável desta ação benéfica da Teosofia é o modo como o mundo invisível (o qual, antes de nos ter submergido a grande onda do materialismo, soia^{1} ser considerado como a fonte de todo auxílio real)

tem sido por ela restituído à vida moderna. Todo o encantador folclore do elfo da fada e do gnomo, dos espíritos do ar e da água, da floresta, da montanha e da mina, mostra ela que não é uma simples superstição infundada, mas uma coisa com base em fatos reais e científicos.

A sua resposta à grande pergunta fundamental: “*Se um homem morre, tornará a viver?*” é igualmente nítida e científica, e os seus ensinamentos sobre a natureza e as condições da vida depois da morte derramam jorros de luz sobre muito que, pelo menos para o mundo ocidental, estava ali imerso em trevas impenetráveis.

Não será demais repetir que, no que respeita aos ensinamentos relativos à imortalidade da alma e à vida depois da morte, a Teosofia está numa posição inteiramente diferente da religião vulgar. Ela não afirma estas grandes verdades baseando-se apenas na autoridade de qualquer livro sagrado da antiguidade; ao tratar esses assuntos, ela não tem que ver com opiniões religiosas, ou especulações metafísicas, mas com fatos sólidos e definidos, tão reais e próximos de nós como o ar que respiramos ou as casas onde vivemos — fatos entre os quais está o trabalho quotidiano de alguns cios nossos estudiosos, como adiante se verá.

Entre as belas concepções que a Teosofia nos restituiu, destaca-se proeminentemente a dos grandes agentes auxiliares da natureza. A crença nestes tem sido universal desde as primeiras eras históricas e mesmo hoje é universal fora dos estreitos domínios do protestantismo, que esvaziou e entenebreceu o mundo para os seus crentes pela sua tentativa de eliminar a ideia perfeitamente natural e verdadeira dos agentes intermédios, reduzindo tudo aos dois fatores Homem e Deus — concepção de que resultou ficar degradada a ideia de Deus e o homem sem auxílio.

Um momento de reflexão mostrará que o conceito vulgar da

Providência — a ideia de uma intervenção errática do poder central do universo no resultado dos seus próprios decretos — implicaria a introdução da parcialidade no esquema desse universo, e, por conseguinte, de toda a série de males que daí resultaria.

A doutrina teosófica de que um indivíduo só pode ser assim especialmente auxiliado quando as suas ações passadas têm sido tais que mereceram esse auxílio, e que, mesmo então, o auxílio será dado através daqueles que estão relativamente perto do seu próprio nível, escapa a esta séria objeção; e restitui-nos, além disso a mais antiga e muito mais grandiosa concepção de uma série contínua e ascendente de seres vivos, vindo desde o próprio Logos até ao pó sob os nossos pés.

No Oriente, a existência dos auxiliares invisíveis sempre foi reconhecida, ainda que os nomes que lhes têm sido dados e os característicos, que lhes têm atribuído, variam, como é natural, em diversos países; e mesmo aqui na Europa temos as velhas histórias gregas da intervenção constante dos deuses nas coisas da vida humana, e a lenda romana de que Castor e Pólux comandaram as legiões da república infante na batalha do Lago Regilo.

Nem pereceu esta concepção quando o período clássico se extinguiu, porque estas histórias têm a sua descendência legítima nos contos medievais de santos que apareciam nos momentos críticos fazendo a sorte da guerra virar-se para o lado das hostes cristãs, ou de anjos da guarda que às vezes apareciam a livrar o viandante crente de que, se não fossem eles, teria sido a morte certa.

Capítulo II.

Alguns casos modernos

Mesmo neste tempo incrédulo e em pleno rodopiar da nossa civilização moderna, apesar do dogmatismo da nossa ciência e da frieza mortal do nosso protestantismo, é possível encontrar casos de intervenção, inexplicáveis do ponto de vista materialista, e acessíveis a qualquer indivíduo que queira dar-se ao trabalho de os procurar.

Para demonstrar, ao leitor, esta asserção, resumirei rapidamente alguns dos casos citados em uma ou outra das coleções recentes dessas histórias, juntando-lhes um ou outro caso de que eu tenha tido conhecimento.

Uma feição notabilíssima destes casos mais recentes é que a intervenção parece ter-se quase sempre dado para auxílio ou salvação de crianças.

Um caso muito interessante, ocorrido em Londres há poucos anos, diz respeito à salvação da vida de uma criança no meio de um incêndio formidável, que rebentou numa rua perto de Holborn e destruiu duas casas. As chamas tinham tomado tal impetuosidade antes que fossem descobertas, que os bombeiros não puderam pensar em salvar os prédios, mas conseguiram tirar de lá todos os moradores exceto dois — uma velha, que morreu sufocada pelo fumo antes que a pudessem auxiliar, e uma criança de cinco anos de idade, cuja presença no prédio fora esquecida por causa da pressa e do pânico do momento.

A mãe da criança era, ao que parece, amiga ou parenta da locatária, e tinha deixado a criança a seu cargo naquela noite, por ter de viajar até Colchester para qualquer assunto urgente. Não foi senão quando estavam todos salvos e o prédio todo envolvido em chamas, que a inquilina se lembrou com uma súbita angústia da criancinha que lhe tinha sido confiada.

Parecia então impossível tentar chegar até à água-furtada onde a criança tinha ficado dormindo, mas um dos bombeiros resolveu heroicamente tentá-lo, e, depois de ter obtido indicações minuciosas sobre a situação exata do quarto, meteu-se pelo meio do fumo e da labareda.

Encontrou o pequenino e trouxe-o para a rua inteiramente incólume; mas, quando se juntou aos seus camaradas, tinha uma história bem singular para contar-lhes. Disse ele que, quando chegou ao quarto, o encontrou já pasto das chamas e sem parte do sobrado; mas o fogo tinha feito uma curiosa curva à roda do quarto em direção à janela, de uma maneira inteiramente estranha e inexplicável a que nada na sua experiência correspondia, e isto de modo que o canto onde estava a cama da criança nada sofrerá ainda, conquanto estivessem já quase destruídas as próprias vigas sobre que assentava-se aquele bocado do sobrado onde a cama estava.

A criança estava, como é natural, assustadíssima, mas o bombeiro claramente e várias vezes declarou que quando, com grande risco, caminhava para ela, viu uma figura como a de um anjo — aqui citam-se as suas palavras precisas, — uma coisa “*toda gloriosamente branca e prateada, debruçando-se sobre a cama arranjando a colcha*”. Dizia o bombeiro que não havia erro possível, visto que nessa forma se tornou visível por alguns momentos num aumento das chamas, desaparecendo apenas quando ele já estava a

pouca distância dela.

Outro detalhe curioso da mesma história é que a mãe da criança não pôde essa noite, em Colchester, conciliar o sono, visto que persistentemente a afligia um forte sentimento de que qualquer coisa estava acontecendo ao filhinho, tanto que por fim se viu obrigada a levantar-se da cama e a rezar durante algum tempo, pedindo que o pequeno fosse protegido contra o perigo que ela sentia que pairava sobre ele.

A intervenção foi, pois, aquilo a que um cristão chamaria uma resposta a uma oração: um teosofista, pondo a mesma ideia em fraseologia mais científica, diria que a emanção intensa de amor que vinha da mãe constituiu uma força de que um dos nossos auxiliares invisíveis pôde servir-se para salvar a criança de uma morte horrorosa.

Um caso notável, em que algumas crianças foram anormalmente protegidas, deu-se nas margens do Tâmis, ao pé de Madenhead, uns anos antes do exemplo citado. Desta vez o perigo de que elas foram salvas proveio, não do fogo, mas da água. Três pequenitos, que viviam, se bem me recordo, na aldeia de Shottesbrook, ou perto, foram levados a passear pela criada pela estrada de reboque. Ao virarem uma curva, foram de encontro a um cavalo que rebocava uma barcaça, e como, com a confusão, duas das crianças se colocassem entre o cavalo e a margem foram apanhadas pelo cabo de reboque e atiradas para dentro da água.

O barqueiro, que viu o desastre, adiantou-se para as salvar, e reparou que elas estavam boiando alto na água — “*de modo esquisito*”, disse ele depois —, e aproximando-se lentamente da margem. Foi quando ele e a criada viram, mas as crianças, ambas, declararam que “*uma criatura muito*

bela, toda branca e brilhante” esteve ao lado delas na água, e as amparou e guiou até a margem.

E esse relato não deixou de encontrar quem o confirmasse, porque a filhinha do barqueiro, que surgiu da câmara da barça quando ouviu os gritos da criada, também afirmou ter visto uma linda senhora na água, a arrastar as duas crianças para a margem.

Sem mais detalhes do que estes, é impossível dizer com certeza a que classe de auxiliares esse “anjo” pertencia; mas o mais provável é que se trate de um ente humano desenvolvido, funcionando no corpo astral, como adiante veremos, quando tratarmos do assunto do lado inverso por assim dizer — isto é, do ponto de vista dos auxiliares e não dos auxiliados.

Um caso, em que a intervenção se pode descortinar um pouco mais definitivamente, é contado pelo conhecido sacerdote, **Dr. John Mason Neale**. Declara ele que um indivíduo, que havia pouco ficara viúvo, estava com seus filhos numa visita à casa de campo de um amigo. Era um edifício antiquíssimo e complicado, no rés-do-chão do qual havia grandes corredores escuros, onde as crianças brincavam com grande alegria.

Mas, dentro em pouco, apareceram na sala com um ar muito grave, e duas delas contaram que, ao irem a correr por um desses corredores afora, a mãe lhes tinha aparecido, dizendo-lhes para voltarem para trás, e desaparecendo em seguida.

Investigações feitas revelaram o fato de que, se as crianças tivessem dado mais uns passos, teriam caído num poço fundo e destapado que estava precisamente no seu caminho, de modo que foi o aparecimento de sua mãe que as salvou duma morte quase certa.

Neste caso parece não haver razão para duvidar de que a própria mãe continuava amorosamente de guarda aos filhos desde o plano astral, e que

(como em outros casos tem acontecido) o seu desejo intenso de os advertir do perigo em que inconscientemente iam incorrendo, lhe deu o poder de se lhes tornar visível e audível nesse momento — ou talvez apenas de lhes dar impressão puramente mental de que a tinham visto e ouvido.

É possível, é claro, que o auxiliar tivesse sido qualquer outra pessoa, assumiu a forma familiar da mãe para que não assustasse as crianças; mas a hipótese mais simples é atribuir a intervenção à ação do próprio amor materno sempre vigilante, que a passagem pelas portas da morte não conseguira embaciar.

Este amor materno, sendo um dos sentimentos humanos mais santos e altruístas, é também um dos mais persistentes nos planos superiores. Não só se dá no caso de a mãe, que se encontra nos níveis inferiores do plano astral, e por conseguinte ainda em contato com a terra, continuar a ter interesse e cuidado pelos filhos, enquanto os pode ver; mesmo depois de ter dado entrada no mundo celestial, esses pequeninos continuam a ser os objetos mais importantes no seu pensamento e a riqueza de amor que ela derrama sobre as imagens, que ali deles constrói, é uma grande emissão de força espiritual que cai sobre aqueles seus filhos que ainda estão lutando neste mundo inferior, cercando-os de centros vivos de energia benéfica que bem podem ser classificados de anjos da guarda. Um exemplo disto pode ser encontrado no sexto dos nossos Manuais Teosóficos, p. 38.

Há não muito tempo a filhinha de um bispo inglês ia passeando com a mãe pela cidade onde viviam, e, ao atravessar a rua, numa correria, foi derrubada pelos cavalos de um coche que virara subitamente a esquina. Vendo-a entre as patas dos cavalos, a mãe lançou-se para a frente esperando encontrá-la muito ferida, mas a criança levantou-se a sorrir e disse: *“Oh! Mama, não me aconteceu nada, porque houve uma coisa toda*

de branco que fez com que os cavalos não me pisassem, e me disse que não tivesse medo”.

Um caso que se deu em Buckinghamshire, nas vizinhanças de Burnham Beeches, é notável por causa do longo tempo, durante o qual parece que se manteve a manifestação física do agente salvador. Deve ter-se notado que, nos casos até aqui citados, a intervenção foi questão de poucos minutos, ao passo que neste um fenômeno que se produz parece ter durado mais de meia hora.

Dois pequenitos, filhos de um pequeno lavrador, foram deixados sozinhos para brincar como quisessem, enquanto toda a família se ocupava nos trabalhos da colheita. Os pequenitos foram passear, afastaram-se muito de casa, e acabaram por se perder no caminho.

Quando, cansados do trabalho, os pais voltaram à tarde, deram pela ausência das crianças, e, depois de mandar perguntar a algumas casas próximas, o pai mandou criados e trabalhadores em todas as direções para as procurar.

Todos os esforços, porém, resultaram inúteis, nem houve resposta aos gritos que deram chamando pelas crianças; tinham-se juntado todos outra vez em casa, num estado de natural desalento, quando viram uma luz estranha vindo lentamente através de uns campos em direção à estrada. Descrevem-na como sendo uma grande esfera luminosa de uma luz dourada e brilhante, inteiramente diversa da luz vulgar de qualquer candeeiro ou lanterna; quando essa luz se aproximou, viram as duas crianças andando no meio dela. O pai e alguns outros imediatamente correram em direção à luz, que persistiu enquanto eles não chegaram perto; logo, porém, que se agarraram às crianças, a luz desapareceu, deixando-os, a todos, às escuras.

As crianças contaram que, quando anoiteceu, andaram por uma mata a chorar durante algum tempo, e tinham acabado por se deitar, para dormir, debaixo de uma árvore. Tinham sido acordadas, contavam, por uma senhora muito bela, com um candeeiro, que as tomou pela mão e as começou levando a caminho de casa; quando elas lhe faziam perguntas, ela lhes sorria, mas não respondia nada.

Neste estranho relato estavam ambas concordes, nem houve coisa que lhes pudesse abalar a fé no que tinham visto.

É curioso, porém, que conquanto todos os presentes tivessem visto a luz, e notado que ela iluminava as árvores e os arbustos por onde passava, exatamente como o faria uma luz normal, o vulto da senhora, ao contrário, apenas fora visível às crianças.

Capítulo III.

Uma Experiência Pessoal

Todos os casos citados são relativamente bem conhecidos, e podem ser lidos em alguns dos volumes que contêm coleções de tais relatos — a maioria deles em *Mais Vislumbres do Mundo Invisível* do Dr. Lee; mas os dois casos que vou agora citar nunca foram relatados em publicação nenhuma, e ambos se deram dentro dos últimos dez anos — um passou-se comigo, e o outro com pessoa muito minha amiga, eminente dentro da Sociedade Teosófica, e cuja certeza de observação está fora de toda a dúvida.

A minha própria história é bastante simples, ainda que não sem importância para mim, visto que é de crer que a intervenção salvasse a minha vida.

Seguia eu, uma noite tempestuosa e em que chovia ininterruptamente, por uma rua sossegada ao pé de Westbourn Grove, tentando, com fraco êxito, aguentar um guarda-chuva contra a violência intermitente de um vento rebelde, que a cada minuto parecia querer arrancar-me das mãos, e tentando, ao mesmo tempo em que me via nestas dificuldades, concentrar o pensamento sobre certos detalhes de um trabalho que então tinha entre as mãos.

Subitamente — tão subitamente que me fez um sobressalto — uma voz que conheço bem — a voz de um professor indiano — gritou-me ao ouvido: “*Salta para trás*”! e, num gesto de obediência instintiva, saltei bruscamente para trás sem ter tempo para pensar no

que fazia. Ao fazer isto, o meu guarda-chuva, que se inclinara para diante por causa do movimento brusco, foi-me arrancado da mão e uma enorme chaminé de metal caiu no passeio a menos de um metro adiante de mim. O grande peso deste objeto, e a tremenda força com que caiu, dão-me a absoluta certeza de que, se não fosse aquela voz avisadora, eu teria sido morto imediatamente; mas a rua estava deserta, e a voz era a de alguém que eu sabia que estava a sete milhas de distância, pelo que diz respeito ao seu corpo físico.

Nem foi esta a única ocasião em que recebi auxílio desta ordem sobrenatural, porque, quando era ainda novo, e muito tempo antes da fundação da Sociedade Teosófica, o aparecimento de uma pessoa querida recém-morta, evitou que eu praticasse o que hoje vejo que teria sido um grave crime, ainda que, à luz dos conhecimentos que então eu tinha, me parecesse um ato de retaliação não só justificável, mas até louvável. Depois, muito mais tarde, ainda que também antes da fundação desta Sociedade, um aviso que recebi de um plano superior em circunstâncias altamente impressionantes, habilitou-me a evitar que um outro indivíduo seguisse um caminho que o teria levado a um fim desastroso, ainda que na ocasião nada me levasse a crer na possibilidade de tal desfecho. De modo que se verá que tenho alguma experiência pessoal a fortalecer a minha crença na doutrina dos auxiliares invisíveis, mesmo não falando no meu conhecimento do auxílio que está sendo prestado atualmente e a cada momento.

O outro caso é muito mais impressionante. Uma senhora que pertence à nossa Sociedade, e que me dá autorização para publicar o seu relato, mas não deseja que se mencione o seu nome, uma vez encontrou-se correndo um grande perigo físico.

Devido a circunstâncias que não importa detalhar aqui, ela

encontrou-se no meio de um grande motim na rua, e, vendo vários homens agredidos cair ao pé dela, evidentemente muito maltratados, esperava que de um momento para o outro lhe acontecesse a mesma coisa, visto que lhe parecia impossível fugir do meio da multidão.

De repente sentiu uma curiosa sensação de ser arrastada, como que num turbilhão, para fora de tudo aquilo e encontrou-se absolutamente só e inteiramente incólume numa pequena rua transversal, paralela àquela em que o motim se tinha dado.

Ela continuou a ouvir o ruído do motim e, enquanto estava pasmada sem saber o que lhe tinha acontecido, dois ou três indivíduos, que tinham fugido da multidão, vieram correndo, dando a volta à esquina, e, ao vê-la, manifestaram grande pasmo e agrado, dizendo que, quando a tinham visto desaparecer do meio do motim, tinham ficado convencidos de que ela tinha sido agredida e tinha caído.

Na ocasião não apareceu explicação plausível, e essa senhora voltou para casa num estado de perplexidade absoluta; mas quando, anos depois, mencionou este estranho caso a Madame Blavatsky, esta disse-lhe que o seu carma sendo tal que ela podia ser salva de uma situação tão difícil, um dos mestres tinha especialmente destacado alguém para a sua proteção, visto que a sua vida era precisa para a realização de uma obra.

Mas, na verdade, o caso foi muito extraordinário, tanto pelo que diz respeito à grande dose de poder posto em prática, como pela natureza anormalmente pública da sua manifestação. Não é difícil, porém, conceber o *modus operandi*; ela deve ter sido levantada fisicamente do meio da multidão e por cima do quarteirão intermédio de casas, sendo depois simplesmente posta no chão na rua próxima; mas como o seu corpo físico

não foi visto pairando no ar, também é evidente que um véu de qualquer espécie (provavelmente de matéria etérica) foi lançado sobre esse corpo enquanto durou o trajeto.

Se se objetar que o que pode ocultar a matéria física deve ser também físico, e portanto visível, pode responder-se que, por um processo conhecido de todos os estudiosos do oculto, é possível dobrar os raios luminosos (os quais, em todas as condições que a ciência atual conhece, seguem apenas em linhas retas, salvo quando há refração) de modo que, depois de darem volta a um objeto, voltem exatamente ao seu curso anterior, e imediatamente se verá que — uma vez que isto se tivesse —, esse objeto ficaria inteiramente invisível a todos os olhos físicos até que os raios pudessem retomar o caminho normal.

Sei perfeitamente que basta esta minha explicação para que um homem de ciência de nossos dias imediatamente tome as minhas asserções por uma série de disparates, mas não posso evitar isso; apenas exponho uma possibilidade da natureza que a ciência de futuro talvez um dia descubra, e para aqueles que não são estudantes do oculto, a minha asserção tem que esperar por esse dia para que fique de todo justificada.

O processo, como digo, é bem compreensível a qualquer pessoa que saiba um pouco acerca das forças ocultas da natureza; mas o fenômeno continua sendo extremamente dramático, e o nome da senhora com que se deu, se eu pudesse citá-lo seria para todos os meus leitores uma garantia da autenticidade da narrativa.

Mas estes relatos, dizendo respeito, como dizem, àquilo a que vulgarmente se chamaria a intervenção angélica, ilustram apenas uma pequena parte das atividades dos nossos auxiliares invisíveis. Antes,

porém, que possamos proveitosamente considerar as outras seções do seu trabalho, será bom que tenhamos bem presentes no nosso espírito as várias classes de entidades às quais estes auxiliares podem pertencer.

Seja essa, portanto, a parte do nosso assunto que tratemos em seguida.

Capítulo IV.

Os Auxiliares

Auxílio pode, pois, ser dado por algumas das muitas classes de habitantes do plano astral. Pode vir dos devas^{2}, dos espíritos da natureza, ou daqueles a quem chamamos mortos, assim como dos indivíduos que agem conscientemente no plano astral durante a vida — sobretudo os adeptos e os seus discípulos.

Mas, se examinarmos o assunto com um pouco mais de cuidado, veremos que, ainda que todas as classes mencionadas possam tomar parte nesta obra e por vezes o façam, tomam-na, porém, de modo tão desigual, de umas para outras, que fica quase tudo inteiramente a cargo de uma classe.

O próprio fato de que tanto trabalho desta espécie tem de ser feito quer no e a partir do plano astral, contribui já bastante para explicar o assunto. Para qualquer pessoa que tenha mesmo uma vaga ideia de quais sejam os poderes ao alcance de um adepto, ficará imediatamente evidente que o fato dele trabalhar no plano astral seria uma perda de energia muito maior do que se os nossos maiores médicos ou homens de ciência fossem partir pedras para as estradas.

O trabalho do adepto pertence a regiões superiores — principalmente aos níveis *arupa*^{3} do plano *devacânico*^{4} ou mundo celestial, onde pode dirigir as suas energias para influenciar a verdadeira individualidade do homem, e não apenas a sua personalidade, que é quanto

se pode atingir nos mundos astral ou físico.

O esforço que ele faz nesse reino elevadíssimo produz resultados maiores, mais vastos e mais duradouros do que quaisquer outros que possam ser obtidos pelo dispêndio de mesmo dez vezes esse esforço aqui neste mundo; e a obra ali é de ordem que só ele a pode realizar inteiramente, ao passo que aquela nos planos inferiores pode ser, pelo menos até certo ponto, realizada por aqueles cujos pés estão apenas nos primeiros degraus daquela escada que um dia os há de levar ao ponto onde ele já está.

As mesmas observações se aplicam ao caso dos devas. Pertencendo, como pertencem, a um reino da natureza muito superior ao nosso, o seu trabalho parece não ter, na sua maior parte, relação alguma com a humanidade; e mesmo aqueles das suas fileiras — e esses existem — que por vezes respondem às nossas preces superiores ou aos nossos apelos mais elevados, fazem-no sobre o plano mental antes que sobre o físico ou astral, e com mais frequência nos intervalos entre as nossas encarnações do que durante as nossas vidas terrenas.

Devem alguns lembrar-se de que alguns casos de auxílio dessa natureza foram observados no decurso das investigações sobre as subdivisões do plano devacânico que foram feitas quando se estava preparando o Manual Teosófico acerca desse assunto.

Em um caso, encontrou-se um deva a ensinar a um cantor a mais extraordinária música celestial; e em outro, viu-se um deva de outra espécie estar ensinando e guiando um astrônomo que buscava compreender a forma e a estrutura do universo.

Foram estes apenas dois exemplos, dos muitos que há, em que se viu o reino dos devas auxiliar a evolução e corresponder às aspirações

superiores do indivíduo depois da morte; e há métodos pelos quais, mesmo durante a vida na terra, nós podemos acercar dessas grandes figuras e com elas aprender um infinito número de coisas, ainda que, mesmo então, essa relação com eles se obtenha antes subindo até ao nível delas, do que lhes pedindo que desçam até ao nosso.

Nos acontecimentos banais da nossa vida física o deva intervém raríssimas vezes — está, de resto, tão intensamente ocupado com a obra muito mais importante a realizar no seu plano, que provavelmente quase que nem tem consciência do nosso; e, ainda que por vezes possa acontecer que ele se torne consciente de qualquer angústia ou dificuldade humana que excita a sua compaixão e o leva a auxiliar de qualquer modo, a sua visão, maior sem dúvida, reconhece que, no estágio evolutivo, essas intervenções, na maioria dos casos, produziram muito mais mal do que bem.

Houve sem dúvida um período no passado — na infância da raça humana —, em que ela recebeu muito mais auxílio de fora do que hoje recebe. Nos tempos em que todos os seus *Budas* e *Manus* e mesmo os seus chefes e professores menos elevados eram tirados ou das fileiras da evolução dos devas, ou da humanidade aperfeiçoada de qualquer planeta mais evoluído, qualquer auxílio do gênero daquele a que nos referimos nesse tratado deve também ter sido prestado por esses seres elevadíssimos.

Mas, à medida que o homem progride, torna-se capaz de agir como auxiliar, primeiro no plano físico, e depois nos planos superiores; e chegamos já a um estágio em que a humanidade deve ser capaz de fornecer — e com efeito até certo ponto fornece —, auxiliares invisíveis para si própria, deixando assim livres, para que possam executar obra mais elevada e útil, aqueles seres que são capazes de a fazer.

É claro, pois, que o auxílio a que aqui nos temos referido, pode muito bem ser prestado por homens e mulheres num estágio especial da sua evolução; não pelos adeptos, visto que estes são capazes de obra muito maior e mais vastamente útil, e não pela criatura vulgar, sem desenvolvimento espiritual notável, porque esse para nada serviria.

E exatamente como estas considerações nos levam a esperar, verificamos que este trabalho de auxiliar nos planos astral e mental superior está nas mãos dos discípulos dos Mestres — indivíduos que, se bem que ainda estejam longe de atingir o grau de adeptos, têm evoluído o bastante para poderem funcionar conscientemente nos planos de que se trata.

Alguns deles deram ainda o passo de contemplar os elos entre a consciência física e a dos níveis superiores, e têm, portanto, a indubitável vantagem de se lembrarem, na vida de vigília do que fizeram e aprenderam nesses outros mundos; mas há muitos outros que, se bem que ainda sejam incapazes de manter ininterrupta a sua consciência, contudo não perdem as horas em que julgam que estão dormindo, pois que as ocupam em trabalho nobre e dedicado em favor dos seus semelhantes.

O que seja esse trabalho, é o que passaremos a considerar, mas antes de entrarmos nessa parte do assunto, responderemos primeiro a uma objeção que frequentes vezes surge com respeito a esse trabalho, e afastaremos também os casos relativamente raros em que os agentes são ou espíritos da natureza ou indivíduos que abandonaram o corpo físico.

Certos indivíduos, cuja compreensão das noções teosóficas é ainda imperfeita, muitas vezes não sabem se lhes será lícito auxiliar alguém que encontram aflito ou em dificuldades, temendo intervir no destino que lhe foi decretado pela absoluta justiça da lei eterna do carma. “*O indivíduo*

está nessa conjuntura presente”, dizem eles, de fato, “porque o mereceu; está agora realizando o resultado perfeitamente natural de qualquer mal que praticasse no passado; que direito tenho eu de intervir na ação da grande lei cósmica, tentando melhorar a sua condição, quer no plano astral, quer no físico”?

Ora, a boa gente que tem hesitações dessas, revela, por inconscientemente que o faça, o mais colossal dos orgulhos, porque a sua hipótese envolve duas pressuposições espantosas: a primeira, que sabem exatamente o que tem sido o carma de um outro indivíduo e quanto tempo está decretado que dure o seu sofrimento; e, depois, que eles — os insetos de um dia — possam absolutamente alterar a lei cósmica e evitar a devida operação do carma por qualquer esforço que deles emane.

Podemos estar certos que as grandes divindades cármicas podem perfeitamente realizar a sua obra sem o nosso auxílio, e não temos que recear que quaisquer passos que possamos dar possam, de qualquer maneira que seja, causar-lhes a mais pequena dificuldade ou perturbação.

Se o carma de um indivíduo é tal que ele não pode ser auxiliado, então os nossos esforços bem-intencionados para o auxiliar falharão por completo, ainda que, com esse esforço, tenhamos conseguido ganhar bom carma para nós. Nada temos com o que o carma do indivíduo tenha sido; o nosso dever é dar-lhe o auxílio que pudermos, e não temos direito senão ao ato; o resultado está em outras mãos, em mãos superiores.

Como podemos nós saber o estado da contracorrente de um indivíduo com o seu destino? Sabemos nós, por acaso, se ele não acaba de esgotar o seu mau carma, e se não acaba de chegar precisamente ao ponto em que é necessário que nossa mão se estenda para o auxiliar, para o tirar do seu sofrimento e da sua perturbação?

Por que é que não seremos nós que teremos o prazer e o privilégio de lhe prestar esse grande serviço?

Se o podemos, com efeito, auxiliar, isso já mostra que ele mereceu ser auxiliado; mas nunca podemos saber ao certo, antes de o experimentarmos. Mas, seja como for, a lei do carma sustenta-se bem por si, e é escusado que nos incomodemos por sua causa.

São poucos os casos em que a humanidade tem recebido auxílio dos espíritos da natureza. A maioria dessas criaturas evita os lugares onde está o homem, e retira-se da sua presença, pois que não gosta das suas emanções e do perpétuo bulício e desassossego de que ele sempre se cerca. Acresce que são, exceto em algumas das suas ordens superiores, em geral levianas e inconsequentes — mais parecidos com crianças brincando em condições físicas extremamente propícias do que com seres graves e com uma noção da responsabilidade.

Às vezes, porém, acontece que um deles simpatiza com determinado ser humano e lhe presta vários e bons serviços; mas, no estágio presente de sua evolução pode haver inteira confiança neste reino da natureza pelo que respeita a uma cooperação persistente no trabalho dos auxiliares invisíveis.

Se o leitor quiser aprofundar este assunto dos espíritos da natureza, consegui-lo-á consultando o *quinto* dos nossos Manuais Teosóficos.

Por vezes, ainda, auxílio é prestado pelos recém-mortos — aqueles que ainda pairam no plano astral e estão ainda em contato próximo com as coisas deste mundo, como (provavelmente) no caso, acima citado, da mãe que evitou que os filhos caíssem em um poço. Mas não é difícil compreender que o *quantum* possível de auxílio desta ordem não pode deixar de ser extremamente restrito.

Quanto mais altruísta e dedicada uma pessoa tenha sido neste mundo, tanto menos provável é que ela se encontre, depois da morte, pairando em plena consciência nos níveis inferiores do plano astral, de onde a terra é mais prontamente acessível.

Em qualquer hipótese, a não ser que fosse um indivíduo excepcionalmente mau, pequena seria a sua estadia naquele nível de onde, apenas, seria possível qualquer intervenção nos assuntos terrestres; e, conquanto desde que o mundo celeste ainda possa derramar uma influência benigna sobre aqueles que amou na terra, essa influência benigna será, em geral, antes da natureza de uma emanção benéfica de caráter geral, do que da de uma força que produza resultados definidos num caso específico, como qualquer daqueles a que nos temos referido.

Depois, muitos dos mortos, que desejam auxiliar alguém que deixaram neste mundo, sentem-se inteiramente incapazes de o influenciar de qualquer maneira, visto que, para agir desde um plano sobre uma entidade em um outro, se exige ou uma grande sensibilidade da parte dessa entidade, ou uma certa dose de conhecimento e de experiência da parte do operador.

Por isso, ainda que não sejam raros os casos de aparições pouco depois da morte, é difícil encontrar um caso em que essa aparição da pessoa recém-morta tenha sido realmente útil, ou tenha conseguido realizar sobre o amigo ou parente visitado a impressão desejada. Está claro que há casos desses — bastantes mesmo, se chegarmos a coligi-los; mas são muitos se os compararmos com o grande número de espectros que têm conseguido manifestar-se.

De modo que pouco é o auxílio que os mortos prestam — de resto, como em breve se explicará, é muito mais vulgar serem eles quem precise de auxílio, do que realmente quem o possa prestar.

Atualmente, portanto, a maior parte do trabalho que tem de ser feito nesta direção, fica a cargo daquelas pessoas vivas que são capazes de agir conscientemente sobre o plano astral.

Capítulo V.

Realidade da Vida Superfísica

Parece difícil àqueles que estão acostumados apenas às tendências usuais, e um tanto ou quanto materialistas, do *século dezenove*, acreditar e compreender perfeitamente uma condição de perfeita consciência fora do corpo físico. Todo o cristão, pelo menos, tem, pelas exigências da sua própria crença, que acreditar que possui uma alma; mas, se lhe insinuares a possibilidade de que essa alma seja uma coisa suficientemente *real para que possa tornar-se visível, em certas condições*, sem ter que ver com o corpo, quer durante a vida ou depois da morte, é quase certo que ele vos responderá, desdenhosamente, que não acredita em espectros e que uma ideia dessas não passa de uma sobrevivência anacrônica de uma extinta superstição medieval.

Se, portanto, quisermos compreender a obra do grupo de **auxiliares invisíveis**, e mesmo aprender como tomar parte nela, temos que nos libertar das peias do pensamento contemporâneo sobre esses assuntos e tentar abranger a grande verdade (para muitos de nós já um fato demonstrado) de que o corpo físico não passa, na realidade, de um instrumento ou veste do verdadeiro homem.

É abandonado de vez, quando morremos, mas também é abandonado temporariamente quando adormecemos — o adormecer não consiste senão no fato do homem real sair, no seu instrumento astral, para fora do seu corpo físico.

Torno a repetir: não se trata de uma mera hipótese ou conjetura engenhosa. Há entre nós muitos que são capazes de praticar (e todos os dias de fato praticam) esse ato elementar de magia com plena consciência — que passam de um plano para outro pela ação da vontade; e, isso uma vez compreendido, bem claro será que grotescamente absurda lhes deve parecer a vulgar confirmação impensada de que tal fato é de todo impossível.

É como se se dissesse a um indivíduo que ele não pode adormecer e que, se alguma vez o julgou ter feito, estava sendo vítima de uma alucinação.

Ora, o indivíduo que ainda não desenvolveu o elo entre a consciência física e a astral, é incapaz de abandonar quando quiser o seu corpo mais denso, e de se recordar da maioria das coisas que lhe acontecem quando fora dele; mas continua sendo coisa certa que ele o abandona sempre que adormece, e que qualquer clarividente instruído o poderá ver pairando acima dele ou vagueando a uma distância maior ou menor, conforme as circunstâncias.

O indivíduo inteiramente sem desenvolvimento paira em geral a pouca distância acima do seu corpo físico, quase tão adormecido como ele, e em estado relativamente amorfo e incoerente, e não podendo ser levado para uma pequena distância que seja desse corpo físico, sem que se lhe cause um desconforto grave que daria, aliás, o resultado de o acordar. À medida, porém, que o indivíduo se desenvolve, o seu corpo astral torna-se mais definido e consciente, e assim se torna um instrumento mais apto a funcionar.

No caso da maioria das pessoas inteligentes e cultas, o grau de consciência é já bastante elevado, e um indivíduo já com desenvolvimento espiritual está tão em si nesse instrumento como

no seu corpo mais denso.

Mas, ainda que possa ter plena consciência no plano astral durante o sono e ali deslocar-se livremente quando assim o queira, não se segue que esteja já em condições de fazer parte do grupo de auxiliares. A maioria da gente neste estágio está tão preocupada com os seus pensamentos — em geral uma continuação das suas preocupações de vigília — que é como um indivíduo em devaneio, absorto ao ponto de não dar pelo que se passa em seu redor.

E por muitas razões é bom que assim seja, porque há muitas coisas no plano astral que bem podem assustar e desvairar qualquer indivíduo que não tenha a coragem, filha do perfeito conhecimento da natureza real, daquilo que ali poderá ver.

Às vezes um indivíduo pouco a pouco se arranca desta condição — acorda, por assim dizer, para o mundo astral que o cerca — mas o mais vulgar é ele permanecer nesse estado até que o acorde alguém que já ali viva ativamente e o tome a seu cargo.

Não é esta, porém, responsabilidade que possa ser assumida de ânimo leve, pois, conquanto seja relativamente fácil assim acordar um indivíduo no plano astral, é quase impossível, exceto pelo exercício, aliás muito pouco recomendável, de influência mesmérica, fazê-lo adormecer outra vez.

De modo que, um dos membros do grupo de auxiliares invisíveis que assim acorde um indivíduo adormecido, deve primeiro adquirir a plena certeza de que esse indivíduo dará bom emprego aos poderes adicionais de que se achar investido, e também de que os seus conhecimentos e a sua coragem são bastantes para que seja razoavelmente certo de que nenhum mal lhe advirá de assim ser despertado.

Um acordar destes coloca um indivíduo em condições de fazer parte, se quiser, do grupo daqueles que auxiliam a humanidade. Convém, porém, não esquecer que esse poder nem necessariamente, nem mesmo geralmente, envolve a capacidade de se recordar em vigília de qualquer coisa que astralmente se faça. Essa capacidade, tem o indivíduo que a adquirir por si própria, e na maioria dos casos não aparece senão anos depois — talvez apenas em uma outra vida.

Mas, felizmente, esta falta de memória corpórea de modo algum impede o trabalho fora do corpo, de modo que, exceto pela satisfação que um indivíduo tem em saber em vigília qual a obra que esteve realizando durante o sono, não é coisa de importância. O que realmente importa é que essa obra se faça, não que nos lembremos de quem a fez.

Capítulo VI.

Uma Intervenção a Tempo

Apesar da grande variedade que há nos trabalhos a realizar no plano astral, todos eles se realizam para um fim — o auxílio, por pequeno que seja, aos processos evolutivos. Por vezes relaciona-se com o desenvolvimento dos reinos inferiores, que é possível acelerar ligeiramente em certas condições.

Todos os nossos dirigentes adeptos reconhecem nitidamente que temos um dever para com esses reinos inferiores, tanto elementais, como animais ou vegetais, visto que é apenas pelo contato com o homem, ou o uso por ele, que o progresso dele se realiza.

Mas como é natural, a parte maior e mais importante do trabalho relaciona-se, de um modo ou de outro, com a humanidade. Os serviços prestados são de muitas e variadas espécies, mas dizem sobretudo respeito ao desenvolvimento espiritual do homem, visto que são relativamente raras as intervenções físicas do gênero das que se relataram nas anteriores páginas deste volume.

Essas intervenções, porém, dão-se às vezes, e, ainda que seja meu propósito antes acentuar a possibilidade de dar auxílio moral e mental aos nossos semelhantes, será talvez conveniente citar um ou dois casos em que amigos pessoais meus prestaram auxílio físico àqueles que dele muito precisavam... e isto para que se veja como estes exemplos, extraídos da experiência dos auxiliares, estão de

acordo com os relatos dados por aqueles que receberam o auxílio sobrenatural — tais relatos, quero dizer, como os que se encontram na literatura das chamadas “ocorrências sobrenaturais”.

No decurso da pequena revolta na Metabeland, uma pessoa pertencente à nossa sociedade foi mandada numa missão de auxílio, que poderá servir de exemplo de como por vezes se tem prestado auxílio neste plano inferior. Parece que uma noite um certo lavrador e a família estavam dormindo tranquilamente, julgando-se inteiramente seguros, e ignorando que a uma distância de poucas milhas, estavam emboscadas, algumas hordas de selvagens elaborando planos horrendos de assassínios e rapina. A missão da nossa auxiliar era de tentar, de uma maneira ou de outra, dar à família adormecida uma noção do terrível perigo que tão inesperadamente a ameaçava, e esta tarefa não foi muito fácil.

Uma tentativa de incutir a ideia de perigo iminente no cérebro do lavrador falhou por completo, e, como a urgência do caso parecia exigir uma intervenção decisiva, a nossa amiga decidiu materializar-se o bastante para sacudir pelo ombro a mulher do lavrador e levá-la a acordar e a olhar em redor.

Logo que viu que conseguira o seu fim, desapareceu, e a mulher do lavrador ainda hoje não conseguiu saber qual foi o vizinho que a acordou assim oportunamente, salvando as vidas de toda a família, a qual, se não fosse essa misteriosa intervenção, teria sido inevitavelmente massacrada na cama meia hora depois; nem conseguiu essa senhora ainda compreender como é que esse amigo desconhecido conseguiu entrar em casa, quando estavam fechadas e trancadas todas as portas e janelas.

Acordada assim abruptamente, a mulher do lavrador esteve quase a

crer que aquilo não passasse de um sonho; mas sempre se levantou e deu uma vista de olhos à casa para ver se tudo estava bem. Bom foi que o fizesse, pois, ainda que nada encontrasse de anormal portas a dentro, mal abriu uma das portas da janela viu o clarão de uma conflagração distante.

Imediatamente acordou o marido e o resto da família, e todos, devido a essa intervenção a tempo, puderam fugir para um esconderijo próximo, isto minutos antes de chegarem os pretos, que destruíram a casa e varreram os campos, mas não conseguiram dar com as presas humanas que buscavam.

São fáceis de imaginar as sensações da auxiliadora quando, pouco tempo depois, leu nos jornais uma notícia da salvação providencial desta família.

Capítulo VII.

A História do *Anjo*

Um outro caso de intervenção no plano físico, que se deu há pouco tempo, constitui um plano delicioso, mas desta vez trata-se da salvação apenas de uma vida. Necessita, porém, de algumas preliminares palavras explicativas.

Entre o nosso grupo de auxiliares aqui na Europa há dois que foram irmãos no Egito antigo, há muito tempo, e que ainda são muito afeiçoados um ao outro. Na sua atual encarnação há uma grande diferença de idade entre eles, pois que um vai já a caminho da meia-idade e o outro não passa de uma criança no seu corpo físico, se bem que seja um Ego de bastante desenvolvimento e que muito promete.

Como é de supor, é ao mais velho que compete o papel de instruir e orientar o outro no trabalho oculto a que ambos são tão dedicados, e como são ambos inteiramente conscientes e ativos no plano astral, levam a maior parte do tempo, em que os seus corpos físicos estão adormecidos, trabalhando sob a direção do seu Mestre comum, e prestando a vivos e a mortos o auxílio que são capazes de prestar.

Citarei o relato do caso especial que desejo contar de uma carta escrita — pelo mais velho dos dois auxiliares —, imediatamente a seguir à ocorrência, visto que a descrição que ali é feita é muito mais vivida e pitoresca do que seria outra qualquer, feita por terceira pessoa.

*“Estávamo-nos dedicando a um trabalho inteiramente diferente, quando Cyril de repente exclamou: **“O que é isto”**? —, pois que tínhamos ouvido um grande grito de dor ou de medo. Num momento estávamos no local, e vimos que um rapazito de uns onze ou doze anos tinha caído de um rochedo para cima de outros rochedos mais abaixo, ficando muito maltratado. Tinha partido uma perna e um braço, coitadinho, mas o pior era um rasgão enorme numa coxa, de onde o sangue estava saindo em borbotões. Cyril exclamou: **“Vamos auxiliá-lo depressa, senão ele morre”**!*

“Em conjeturas destas é preciso pensar rapidamente. Evidentemente havia duas coisas a fazer; tinha que se fazer parar o sangue, e tinha que se obter auxílio físico. Eu tinha, pois, que materializar ou a mim ou a Cyril, pois precisávamos imediatamente de mãos físicas para fazer um penso, e, além disso, parecia melhor que o pobre rapazito visse alguém ao pé de si na sua atrapalhão. Senti logo que, ao passo que ele se sentiria mais à vontade com Cyril do que comigo, eu era o mais apto a obter socorros; de modo que era evidente qual devia ser a divisão de trabalho.

*“O plano deu um magnífico resultado. Materializei Cyril imediatamente (ele ainda não sabe fazê-lo por si) e disse-lhe para pegar no lenço do rapaz, atá-lo à roda da coxa e apertá-lo com um pedaço de madeira. **“Mas não lhe fará doer muito”**? Disse Cyril; mas pôs isso em prática, e o sangue parou de correr. O rapazinho ferido parecia estar quase sem sentidos, e mal podia falar, mas ergueu os olhos para a pequena figura luminosa que se debruçava sobre ele tão ansiosamente e perguntou: **“O menino é um anjo”**? Cyril sorriu maravilhosamente e respondeu: **“Não, sou apenas um menino, mas vim socorrê-lo** “; e então deixei-o ali para animar o ferido enquanto corri em procura da mãe do rapaz, que morava acerca de uma milha de distância.*

*“Mal pode você acreditar o trabalho que tive para meter na cabeça da mulher a convicção de que tinha acontecido qualquer coisa, e de que ela devia ir ver o que era; mas por fim ela atirou para o lado o tacho que estava limpando, e disse em voz alta: **“Não sei o que é isto que sinto, mas não posso deixar de ir procurar o rapaz”**. Uma vez que ela se pôs a caminho pude guiá-la sem grande dificuldade, ainda que durante tudo isto tive de estar a manter Cyril no seu estado de materializado, pela força da*

minha vontade, para que o anjo da própria criança não lhe desaparecesse de repente.

“Você bem vê, quando a gente materializa uma forma qualquer, não faz senão passar a matéria do seu estado natural para outro — opondo-se, por assim dizer, temporariamente, à vontade cósmica; de modo que, se, por meio segundo que seja, desviarmos dali a atenção, a matéria imediatamente regressa à sua condição original. Assim, era-me impossível dar à mulher mais do que metade da minha atenção, mas de uma maneira ou de outra, sempre consegui levá-la pelo caminho preciso, e mal ela virou o rochedo, deixei Cyril desaparecer; mas ela sempre o viu, e aí está como aquela aldeia tem agora uma das histórias mais bem testemunhadas de intervenção angélica, que se podem encontrar!

“O desastre deu-se de manhã cedo, e na noite do mesmo dia espreitei (astralmente) por essa família para ver como iam as coisas correndo. A perna e o braço do rapazinho tinham sido tratados, o golpe passado, e ele estava na cama de aspecto muito pálido e enfraquecido, mas, ao que se via, indicando um restabelecimento futuro. Achavam-se lá umas vizinhas e a mãe estava-lhes contando a história; e bem curiosa história parecia ela a quem sabia como as coisas se tinham passado”.

*“Explicava a mulherzinha, num relato muito prolixo, que não sabia o que era, mas de repente sentiu qualquer coisa que a fez crer que algo tinha acontecido ao menino, e que ela tinha por força de ir procurá-lo; que a princípio achou aquilo um disparate, e tentou afastar a ideia, “**mas não pôde resistir — teve que ir por força**”. Contou ela que não sabe porque é que tomou aquele caminho em vez de qualquer outro, mas foi o que aconteceu, e, ao virar a esquina do rochedo, ela lá o viu, encostado a uma rocha, e ajoelhado ao lado dele, animando-o, “a mais linda criança que ela vira em dias de sua vida, vestida de branco e a brilhar, com faces rosadas e lindos olhos castanhos”; como a criança sorriu para ela “como um anjo”, e de repente já lá não estava, e a princípio ela apanhou tal susto que não sabia o que havia de pensar; mas de repente sentiu o que era, e caiu de joelhos a dar graças a Deus por ter mandado um dos seus anjos socorrer o seu pobre filhinho.*

“Depois contou como o levantou para o pegar ao colo e trazê-lo

para casa; ela quis tirar o lenço que lhe apertava a perna tanto, mas ele não deixou, porque disse que o anjo é que o tinha atado e lhe tinha dito que não tocasse nele; e como, quando depois contou isto ao médico, ele lhe explicou que, se tivesse tirado o lenço, o rapazinho teria morrido com certeza.

“Depois ela repetiu a parte da história contada pelo rapazinho — como, logo depois dele cair, lhe apareceu aquele anjo tão bonito (ele soube que era um anjo porque não havia ninguém à vista, dentro de meia milha de distância, quando ele estava em cima do rochedo — só se admirava de que o anjo não tivesse asas e dissesse que era apenas um rapazinho) — como o levantou e o encostou à rocha e lhe atou a perna e depois começou a falar com ele e a dizer-lhe que se não assustasse, porque alguém tinha ido buscar a mãe, e que dali a pouco ela chegaria; como o anjo o beijara e o tentara animar, e como tivera sempre a mão dele na sua mão pequena, macia e quente, enquanto lhe contava histórias estranhas e belas, de que não se lembrava, mas que sabe que eram muito belas, porque quase que se esquecera de que estava magoado, até chegar a mãe; e como então o anjo, tendo-lhe assegurado que em breve estaria bem, tinha sorrido, lhe tinha apertado a mão, e, não sabe como, desaparecido.

“Desde então tem havido naquela aldeia uma revivescência religiosa! O cura disse-lhes que uma intervenção tão nítida da providência divina lhes deve ter sido feita de propósito para fechar a boca aos chocarreiros e provar a verdade das santas Escrituras e da religião cristã — e ninguém parece ter notado a colossal vaidade contida numa afirmação tão espantosa!

“Mas o efeito sobre o rapazinho foi sem dúvida bom, tanto moral como fisicamente; segundo todos os relatos, ele era antes um marotinho muito razoável, mas agora sente que o “seu anjo” pode estar ao pé dele em qualquer ocasião, e por isso não faz ou diz qualquer coisa má, grosseira ou violenta, com receio de que ele veja ou ouça. O grande desejo da sua vida é tornar a vê-lo qualquer dia, e sabe que, quando morrer, será o seu rosto formoso que primeiro o saudará além-mundo”.

Esta é, por certo, uma historiazinha interessante e comovedora. A consequência tirada do caso pela gente da aldeia e pelo seu Cura é talvez

um tanto ou quanto improcedente; mas o testemunho com respeito à existência de pelo menos qualquer coisa para além do plano material deve com certeza fazer mais bem do que mal àquela gente, e no fim das contas, as conclusões que a mãe tirou do que viu são perfeitamente certas, ainda que, se ela soubesse mais do que sabe, teria provavelmente referido as coisas por outras palavras.

Um fato interessante, descoberto depois pelas investigações do autor da carta, derrama uma curiosa luz sobre as razões que subjazem a incidentes como este. Verificou-se que as duas crianças já antes se tinham encontrado, e que, há milhares de anos, a que caiu do rochedo tinha sido escravo da outra, e lhe tinha uma vez salvado a vida, com risco da própria, em consequência do que havia sido liberto; e agora, tanto tempo depois, o dono não só paga a dívida na mesma moeda, mas também dá ao seu antigo escravo um alto ideal e um estímulo para a moralidade na vida que provavelmente alterarão todo o curso da sua evolução futura. Bem certo é que nenhuma boa ação fica sem recompensa pelo carma, por tarde que essa recompensa venha — que

*Though the mills of God grind slowl,
Yet they grind exceedingly small;*

*Though with patience stands He waiting,
With exacteness grinds He all.*

Por lentamente que moam os moinhos de Deus,
Moem, contudo, um pó muito fino;

Por pacientemente que Ele espere,
Em todo o caso, com justiça Ele moe tudo

Capítulo VIII.

História de um Incêndio

Um outro trabalho executado pelo mesmo menino Cyril apresenta um paralelo quase exato com alguns dos relatos dos livros que citei nas páginas antecedentes. Parece que, uma noite, ele e o seu amigo mais velho estavam tratando do seu trabalho usual, quando notaram embaixo, o clarão de um grande incêndio, o que fez que imediatamente descessem, para ver se podiam prestar algum socorro.

Era um grande hotel que estava em chamas, um edifício imenso nas margens de grande lago. A casa de muitos andares de altura, constituía três lados de um quadrado em torno a uma espécie de jardim plantado de árvores e de flores, enquanto o lago formava o quarto lado. Os dois braços do edifício estendiam-se até ao lago, e as grandes janelas nas extremidades quase que tinham uma saliência por cima da água, e, assim, ficava apenas um pedaço de terra muito estreito abaixo delas, quer de um lado, quer de outro.

A frente e os lados eram construídos em torno a poços interiores, de modo que, uma vez começado o incêndio espalhou-se com uma rapidez incrível e, antes de os nossos amigos o verem durante a viagem astral, já os andares intermédios em todo o edifício eram pastos das chamas. Felizmente os hóspedes — exceto um pequenino — já tinham sido salvos, conquanto alguns deles tivessem recebido queimaduras e outras contusões.

O pequenino tinha ficado esquecido em um dos quartos superiores da

ala direita, porque os pais estavam num baile e não sabiam do fogo, e, como era de esperar, ninguém mais se lembrou da criança, senão quando era já muito tarde. O fogo tinha atacado de tal maneira os andares médios, daquele lado, que nada se podia fazer para o salvar, mesmo se alguém se tivesse lembrado dele, visto que o seu quarto dava para o jardim interior, a que já nos referimos, de modo que ele se encontrava afastado de todo o auxílio de fora.

Além disso, ele nem sequer dava pelo perigo que corria, porque o fumo denso e sufocante tinha tão gradualmente invadido o quarto, que o sono da criança pouco a pouco se tornara mais fundo até ela estar num estado de inconsciência total.

Neste estado o descobriu Cyril, que parece ser especialmente atraído para as crianças que correm risco ou estão em qualquer dificuldade. Principiou Cyril por ver se fazia alguém lembrar-se do pequeno, mas não o conseguiu; e, em qualquer hipótese, mal se podia conceber que eles o pudessem socorrer, de modo que isto não passava de uma perda de tempo.

O auxiliar mais velho então materializou Cyril, como da outra vez, no quarto da criança, pô-lo a acordar e dar a consciência à criança mais do que entorpecida. Depois de bastantes dificuldades, isto de certo modo se conseguiu, mas o menino ficou, durante tudo que se seguiu, num estado semilúcido, ainda meio dormente, de modo que foi preciso empurrá-lo e guiá-lo, auxiliá-lo e socorrê-lo a cada volta que tinha que dar.

Os dois pequenos começaram por sair do quarto para o corredor central que atravessava a ala do edifício, mas, vendo que as chamas e o fumo, que surgiam do chão, o tornavam intransitável a um corpo físico, Cyril fez o outro pequeno entrar outra vez para o quarto e sair pela janela para uma pequena saliência de pedra, de um pé de largura, que percorria

toda a extensão do prédio um pouco abaixo das janelas. Por esta saliência fora, conseguiu ele guiar o seu companheiro, equilibrando-se em parte na extremidade da saliência e em parte pairando no ar, mas colocando-se sempre do lado de fora do outro, de modo a evitar-lhe uma tontura ou um receio de queda.

Perto do fim da parte mais próxima ao lago, onde o incêndio parecia ainda não ter pegado muito, entraram por uma janela adentro e tornaram a dirigir-se para o corredor, esperando ainda poder passar pela escada que havia nessa extremidade.

Mas também esta estava cheia de fogo e de fumo; por isto voltaram ao corredor, aconselhando Cyril ao companheiro que conservasse a boca o mais baixa possível até que chegaram à gaiola do elevador, ao centro daquela parte do prédio.

O elevador, é claro, estava no fundo, mas eles conseguiram descer pelos rendilhados do ferro da gaiola até chegarem à parte de cima do elevador. Aqui viram-se com o caminho tapado, mas felizmente Cyril descobriu uma pequena porta, dando da gaiola do elevador para uma espécie de sobreloja pouco alta. Por essa porta passaram para um corredor, que percorreram, o menino quase sufocado pelo fumo; depois, atravessando um dos quartos saíram pela janela, encostando-se na varanda que existia em toda a extensão do rés-do-chão, entre eles e o jardim.

Dali foi-lhes fácil descer por uma das colunas e ir para o jardim; mas mesmo ali o calor era intenso e o perigo — quando as paredes começassem a ceder —, era considerável. Por isso Cyril tentou guiar o pequeno à roda da extremidade de uma, e depois da outra, das alas; mas, em ambos os casos, as chamas tinham rompido, e era impossível seguir pelo pequeno espaço debaixo das janelas que davam para o lago. Por fim

refugiaram-se em um dos botes de recreio que estavam no final de uns degraus que desciam de uma espécie de cais ao fim do jardim; largando dali, remaram para fora.

Cyril tencionava remar contornando a ala que estava a arder e desembarcar a criança salva; mas ao afastarem-se um pouco da terra, deram com um vapor de carreiras no lago e foram vistos — pois toda a cena estava iluminada pelo clarão do hotel em chamas, até que tudo estava claro como o dia. O vapor aproximou-se do bote para tirar de lá os rapazes; mas em vez dos dois que tinham visto, os tripulantes só encontraram um — pois o seu amigo mais velho tinha prontamente deixado Cyril regressar à sua forma astral, desvanecendo a matéria mais densa que lhe tinha dado temporariamente um corpo material e por isso ele ficou invisível.

Foi feita uma busca muito cuidadosa, mas não se encontrou sinal do segundo pequeno, de modo que se concluiu que ele devia ter caído do barco, morrendo afogado, momentos antes dos tripulantes alcançarem o bote. A criança salva perdeu os sentidos ao chegar a bordo do vapor, de modo que não podia dar informação nenhuma e, quando voltou a si, não pôde dizer senão que tinha visto o outro menino pouco antes de ser salvo, e que não sabia senão isso.

O vapor seguia para uma povoação à margem do lago, a uns dois dias de viagem, de modo que se passou uma semana ou mais antes que a criança salva pudesse ser restituída aos pais, os quais, é claro, julgaram que ele tinha morrido no incêndio, porque, conquanto se fizesse esforço para lhes impressionar no espírito a noção de que o seu filho estava salvo, não se conseguiu fixar neles essa ideia; e, assim, bem se pode calcular a alegria com que eles receberiam a notícia da salvação do pequeno.

O menino continua sendo uma criança sadia e feliz, e nunca se cansa de relatar a sua extraordinária aventura. Muitas vezes tem mostrado pena de que o amigo que o salvou tivesse perecido tão misteriosamente, quando todo o perigo já parecia ter passado.

O menino até chegou a dizer que talvez ele não morresse realmente — que não fosse senão um príncipe das fadas; mas é claro que esta ideia não arranca senão sorrisos de tolerante superioridade da parte dos seus adultos. O elo cármico entre ele e o seu salvador ainda não se descobriu, mas deve sem dúvida existir.

Capítulo IX.

Materialização e Repercussão

Ao ler uma história como esta, os estudiosos muitas vezes perguntam se o *auxiliar invisível está perfeitamente seguro* no meio destas cenas de grande risco — se, por exemplo, este rapaz que foi materializado para salvar outro de um incêndio não correu também risco —, se o seu corpo físico não teria sofrido de qualquer maneira por repercussão se a sua forma materializada tivesse atravessado as chamas ou caído da saliência elevada em cuja extremidade andou tão despreocupadamente. De fato, visto que sabemos que em muitos casos a relação entre uma forma materializada e um corpo físico é suficientemente próxima para produzir repercussão, não poderia esta ter-se dado neste caso?

Ora, este assunto da repercussão é extremamente abstruso^{5} e difícil, e não estamos de modo algum em situação de poder explicar os seus notabilíssimos fenômenos; de resto, para compreender bem o assunto, seria talvez necessário que compreendêssemos as leis da vibração simpática sobre mais planos do que um. Em todo o caso, sempre sabemos, pela observação, alguma das condições que permitem a sua ação e algumas que absolutamente a excluem, e parece-me que temos razões para asseverar que no caso que se contou era de todo impossível.

Para compreendermos por que devemos primeiro não esquecer que há pelo menos *três variedades bem definidas de materialização*, como deve saber todo o indivíduo que tem uma experiência razoavelmente

completa do Espiritismo. Não me preocupa agora explicar como é que estas variedades respectivamente se produzem; afirmo apenas o fato indubitável de que existem.

1.) - Há a materialização que, conquanto tangível não é visível à vista física normal.

Desta natureza são as mãos invisíveis que tantas vezes nos apertam um braço ou nos passam pelo rosto numa sessão, que, às vezes, levam pelo ar objetos físicos ou dão pancadas na mesa —, muito embora, é claro, qualquer destes dois últimos fenômenos possa facilmente conseguir-se sem que seja preciso a existência da mão materializada.

2.) - Há a materialização que, conquanto visível, não é tangível — a forma de espírito que a nossa mão atravessa como se fosse simplesmente o ar.

Em alguns casos esta variedade é patentemente nevoenta e impalpável mas há outros em que o seu aspecto é tão completamente normal, que sua tangibilidade não levanta dúvidas senão quando alguém tenta agarrá-la.

3.) - Há a materialização perfeita, que é ao mesmo tempo visível e tangível — que não só tem o aspecto exterior do vosso amigo morto, mas que vos aperta a mão com a pressão e o gesto que tão bem conheceis.

Ora, ao passo que há bastantes fatos para demonstrar que a repercussão se dá em certas circunstâncias, no caso desta terceira espécie de materialização, não é de modo algum certo que isso se dê no caso das outras variedades.

No caso do auxiliar Cyril é provável que a materialização não tivesse saído da terceira espécie, visto que há sempre um grande cuidado em não gastar mais energia do que a que é absolutamente necessária para o fim que se temem vista, e é evidente que se gasta menos energia na produção de qualquer das formas menos completas

a que chamamos a primeira e segunda classes.

O mais provável é que só o braço, com que Cyril segurou o seu companheiro, era sólido, e que o resto do seu corpo, por natural que parecesse, resultaria muito menos tangível se se tivesse feito a experiência.

Mas, à parte esta probabilidade, há ainda um outro ponto a considerar: quando se dá uma plena materialização, quer de um vivo, quer de um morto, tem de se arranjar para isso matéria física de uma espécie qualquer.

Numa sessão espírita essa matéria é obtida tirando-a abundantemente ao duplo etérico do médium — e às vezes ao seu próprio corpo físico, pois que casos há em que o peso do médium tem diminuído ao darem-se manifestações desta espécie.

Este método é empregado pelas entidades dirigentes da sessão simplesmente porque, quando um médium está acessível, é esse o meio mais fácil de conseguir uma materialização —, e a consequência é que passa a haver a mais próxima das ligações entre esse médium e o corpo materializado, de sorte que o fenômeno a que (ainda que imperfeitamente o compreendamos) chamamos repercussão se dá na sua forma mais nítida.

Se, por exemplo, se esfregar giz nas mãos do corpo materializado, esse giz aparecerá depois nas mãos do médium, ainda que ele tenha estado sempre fechado num cubículo qualquer, em circunstâncias que excluam em absoluto a possibilidade de fraude.

Se qualquer pancada for dada na forma materializada, essa pancada será exatamente reproduzida na parte correspondente do corpo do médium; e, às vezes, qualquer alimento que a forma-espírito tenha tomado será descoberto no corpo do médium — isso aconteceu pelo menos uma vez, na minha própria experiência.

Já não seria nada assim, porém, no que temos estado a descrever. Cyril estava a uma distância de alguns milhares de milhas do seu corpo físico adormecido, e seria, portanto, inteiramente impossível ao seu amigo tirar desse corpo a matéria etérica precisa, e as próprias regras, sob as quais todos os alunos dos grandes Mestres da Sabedoria executam o seu trabalho de auxiliar os homens, por certo que o inibiriam, mesmo para o mais nobre dos fins, de impor esse trabalho ao corpo de outrem.

Além disso, seria inteiramente desnecessário, porque o método, muito menos perigoso, invariavelmente empregado pelos auxiliares, quando a materialização parece desejável, estaria ao seu alcance — a condensação do éter do ambiente ou mesmo do ar físico, da matéria precisa para tal fim.

Este ato, conquanto fora do alcance de qualquer das entidades que geralmente se manifestam numa sessão, não apresenta dificuldade nenhuma a um estudioso da química oculta.

Mas repare-se na diferença quanto ao resultado obtido. No caso do médium temos uma forma materializada na mais próxima das relações com o corpo físico, construída da sua substância, e capaz de produzir todos os fenômenos de repercussão.

No caso do auxiliar, temos na verdade uma reprodução exata do corpo físico, mas criada por uma força mental em matéria inteiramente estranha a esse corpo, e tão pouco capaz, portanto, de sobre ele agir por repercussão como o seria uma estátua de mármore do mesmo indivíduo.

Assim é que uma passagem através das chamas, ou uma queda de uma janela alta, não representavam nada a temer para o jovem auxiliar, e que, em uma outra ocasião (como adiante se lerá), um outro membro do grupo, apesar de materializado, pôde, sem inconvenientes para o seu corpo

físico, ir ao fundo num navio que naufragou.

Em ambos os casos do seu trabalho, que acima se citaram, ter-se-á notado que o menino Cyril não era capaz de materializar a si próprio, e que essa operação teve de ser realizada por um amigo adulto. Há uma outra das suas experiências que é digna de se contar, porque nos mostra um caso em que, pela intensidade da compaixão e determinação da vontade, ele conseguiu deveras mostrar-se — um caso parecido com esse outro, que já se relatou, da mãe cujo amor de qualquer forma lhe tornou possível manifestar-se para salvar a vida dos seus filhos.

Por inexplicável que pareça não há dúvida nenhuma sobre a existência na natureza deste estupendo poder da vontade sobre a matéria de todos os planos, de modo que, logo que o poder seja suficientemente grande, pode dizer-se que não há resultado que não possa conseguir-se, pela sua ação direta, mesmo que não haja da parte do operador conhecimento ou mesmo pensamento de como o exercício dessa vontade produz esse resultado.

Há casos bastantes para que saibamos que esse poder mantém o seu valor no caso de materialização, ainda que essa seja geral, uma arte que tem de ser aprendida como qualquer outra. Por certo que um indivíduo vulgar no plano astral é tão pouco capaz de se materializar sem ter aprendido como isso se faz, do que de tocar violino neste plano sem o ter aprendido; mas há casos excepcionais como se verá pela narrativa seguinte.

Capítulo X.

Os Dois Irmãos

Esta história já foi relatada por uma pena muito mais hábil do que a minha — e com uma abundância de detalhes para que não tenho aqui espaço —, na *Theosophical Review* de novembro de 1897, à página 229. Aconselho o leitor a ler aquele relato, visto que a descrição que farei será um mero esboço, tão breve quanto a clareza o permita. Os nomes não são, é claro, os verdadeiros, mas os incidentes são relatados com rigor escrupuloso.

As personagens deste drama são dois irmãos, filhos de um proprietário da província — Lancelot, de quatorze anos e Walter, de onze — esplêndidos meninos de tipo normal, sadios, fortes, sem qualificações “psíquicas “ de espécie alguma, salvo possuírem bastante sangue celta. Talvez a coisa mais notável neles era a singular intensidade da afeição que entre eles existia, pois que eram absolutamente inseparáveis — nenhum deles estava disposto a ir para qualquer parte sem que o outro também fosse —, e o mais novo idolatrava o mais velho como só um menino mais novo é capaz de o fazer.

Num dia infeliz Lancelot caiu do pônei e morreu, e para Walter o mundo ficou vazio. A dor da criança foi tão verdadeira e intensa que nem queria comer, nem dormir, e a mãe e a ama já não sabiam o que lhe fazer. Parecia surdo quer à persuasão, quer à reprimenda, quando lhe diziam que a dor era um pecado e que o seu irmão estava no céu, ele respondia que

eles não podiam estar certos disso e, mesmo que fosse verdade, ele bem sabia que Lancelot não podia ser feliz no céu sem ele, assim como ele, na terra, não podia ser sem Lancelot.

Por incrível que pareça, o fato é que a pobre criança estava positivamente morrendo de dor, e o que tornava o caso ainda mais comovente é que, durante tudo isto, o irmão estava a seu lado inteiramente consciente da sua tristeza, e ele próprio meio louco de dor pela falência das suas repetidas tentativas de lhe falar ou de lhe dar a saber a sua presença.

As coisas estavam ainda neste estado na terceira noite após o desastre, quando a atenção de Cyril foi chamada sobre os dois irmãos — o próprio Cyril não sabe como. “*Aconteceu estar passando*”, diz ele; mas por certo a vontade dos Senhores da Compaixão o guiou até ali.

O pobre Walter estava cansado, mas insone — sozinho na sua angústia, ao que sabia, ainda que todo tempo o seu irmão, tão triste como ele, estivesse a seu lado. Lancelot, livre das peias da carne, podia ver e ouvir Cyril, de modo que evidentemente a primeira coisa a fazer era minorar a sua dor com uma promessa de amizade e de auxílio para que ele se comunicasse com o irmão.

O espírito do morto ficou animado pela esperança. Cyril voltou-se para o vivo e tentou, com toda a sua força, imprimir-lhe no cérebro a certeza de que o irmão estava a seu lado, não morto, mas vivo e afeiçoado como dantes. Mas foram vãos todos os seus esforços, a pesada apatia do sofrimento de tal modo tomava o espírito de Walter que não havia sugestão possível e Cyril já não sabia o que fazer.

Mas tão profundamente o comoveu aquele quadro triste, tão intensa foi a sua compaixão e tão forte a sua vontade de auxiliar de

uma maneira ou outra, por muito que lhe custasse, que de repente, e ainda hoje não sabe como, se encontrou podendo tocar e falar à criança entristecida.

Afastando as perguntas de Walter sobre quem ele era e como é que tinha entrado ali, foi direto ao assunto, dizendo-lhe que o irmão estava a seu lado, tentando com toda a sua força fazer-lhe sentir que não estava morto, mas vivo e desejoso de o auxiliar e confortar. O pobre Walter queria acreditar, porém mal ousava ter essa esperança; mas a insistência de Cyril venceu por fim as suas dúvidas, e ele disse:

“— Oh! Eu bem o acredito, porque é tão bom; mas, se eu o pudesse ver, então teria toda a certeza e se eu pudesse ao menos ouvir a sua voz dizendo que estava feliz, eu não me importava nada que ele depois tomasse a desaparecer”.

Por novato que fosse neste trabalho, Cyril sabia bastante para não ignorar que o desejo de Walter era um que não era costume conceder, e assim começava ele a explicar-lhe com tristeza, quando de repente sentiu uma Presença que todos os auxiliares conhecem, e, ainda que não se dissesse palavra, sentiu no seu espírito que, em vez do que ia dizer, deveria prometer a Walter aquilo que ele desejava. “*Espera até que eu volte*”, disse, “*e vê-lo-ás então*”. Em seguida, desapareceu.

Esse mero toque do Mestre tinha-lhe mostrado o que fazer e como, e por isso correu a buscar o amigo mais velho que tantas vezes o auxiliara. Este amigo não tinha ainda ido deitar-se, mas, ao ouvir o pedido apressado de Cyril, não perdeu tempo em acompanhá-lo e em alguns minutos estavam ambos de volta à cabeceira de Walter.

A pobre criança já começava a crer que tudo não passava de um lindo sonho, e por isso foi muito grande e bela a sua alegria e o

seu alívio, quando Cyril tornou a aparecer. Mas quão mais bela não foi à cena um momento depois, quando, obedecendo a uma palavra do Mestre, o auxiliar mais velho materializou Lancelot e o vivo e o morto tornaram a abraçar-se!

Agora, verdadeiramente para ambos os irmãos a tristeza se convertera em alegria indizível, e repetidas vezes declararam ambos que nunca mais tornariam a estar tristes, pois que já sabiam, agora, que a morte não tinha o poder de os separar.

Nem se atenuou a sua alegria mesmo quando Cyril lhe explicou cuidadosamente, obediente a uma sugestão do seu amigo mais velho, que este estranho reencontro físico se não repetiria, mas que todo dia Lancelot estaria perto de Walter, ainda que este o não pudesse ver, e todas as noites Walter sairia do seu corpo para tornar a estar conscientemente ao pé de seu irmão.

Ao ouvir isto, o pobre Walter, cansadíssimo, adormeceu imediatamente e provou a sua verdade, ficando pasmado ao descobrir com que rapidez até ali desconhecida ele e o irmão podiam voar juntos de um para outro dos sítios que costumavam visitar.

Cyril cuidadosamente lhe explicou que naturalmente esqueceria quase toda a sua vida mais livre ao acordar na manhã seguinte; mas, por uma extraordinária boa sorte, ele não esqueceu tanto quanto aconteceu à maioria de nós.

Talvez que o abalo da grande alegria que recebeu de qualquer modo lhe despertasse as faculdades “psíquicas “ latentes que pertencem ao sangue celta; o que é certo é que não esqueceu um único detalhe de tudo que acontecera e no dia seguinte apareceu logo de manhã, naquela casa de luto, com uma história maravilhosa que pouco se ajustava àquela atmosfera de tristeza.

Os pais julgaram que a angústia lhe tinha dado volta à cabeça, e, visto que é ele agora o herdeiro, há muito tempo que apoquentadamente têm estado à espera de mais sintomas de loucura, que felizmente se lhes não revelaram. Ainda o consideram um monomaniaco neste assunto, conquanto admitam que a sua “ilusão “ lhe salvou a vida; mas a sua velha ama (que é católica) está firme na crença de que tudo que ele diz é verdade — que Jesus Cristo, que também foi Menino, se compadeceu dessa outra criança, ao vê-la morrendo de tristeza, e mandou um dos Seus trazer-lhe outra vez o irmão, como recompensa a um amor mais forte do que a morte. Às vezes, a superstição popular aproxima-se muito mais da essência das coisas do que o ceticismo culto!

E a história não acaba aqui, porque a boa obra iniciada esta noite ainda dura e progride, nem se pode medir até onde possa ir a influência desse ato. A consciência astral de Walter, uma vez assim inteiramente desperta, permanece em atividade; todas as manhãs traz para o seu cérebro físico a memória dos seus passeios noturnos com o irmão; todas as noites encontram o seu amigo Cyril, com quem tanto têm aprendido a respeito do maravilhoso mundo novo que ante eles se abriu, e dos outros mundos vindouros ainda superiores a esse.

Guiados por Cyril, eles — tanto o vivo como o morto — se tornaram membros ativos e prestativos do grupo de auxiliares; e provavelmente durante muitos anos ainda — enquanto o jovem e forte corpo astral de Lancelot se não desintegrar —, muita criança moribunda terá razão para ser grata a esses três que estão tentando comunicar a outros uma parcela da alegria que eles próprios receberam.

Nem é só aos mortos, que estes novos convertidos têm sido prestativos, pois procuraram e encontraram outras crianças vivas que

revelam consciência no plano astral durante o sono, e pelo menos um daqueles, que assim trouxeram a Cyril, se revelou um recruta valioso para o grupo das crianças, assim como um esplêndido amiguinho aqui no plano físico.

Aqueles para quem estas ideias representam uma novidade, às vezes acham difícil de compreender como é que crianças podem ser úteis no mundo astral.

Visto, dizem eles, que o corpo astral de uma criança deve ser pouco desenvolvido, e o Eu, assim limitado pelo fato da infância, tanto no plano astral como no físico, de que modo é que um Eu desses pode ser útil, ou capaz de contribuir para a evolução espiritual, mental e moral da humanidade, que, segundo nos dizem, é o principal cuidado dos auxiliares?

Quando primeiro se formulou esta pergunta, pouco depois da publicação de uma destas histórias na nossa revista, transmiti-a ao próprio Cyril, para ver o que ele responderia; a sua resposta foi esta:

“— É certo, como diz o escritor, que eu não passo de um menino e que sei pouco por enquanto, e que serei muito mais útil quando souber mais do que sei. Mas já sou capaz de fazer alguma coisa, porque há muita gente que ainda não sabe nada a respeito da Teosofia, ainda que possa saber, muito mais do que eu, a respeito de todas as outras coisas. E, bem vê, quando a gente quer ir para um lugar qualquer, serve mais um menino que sabe o caminho do que cem sábios que o não sabem”.

Pode acrescentar-se que quando mesmo uma criança foi acordada no plano astral, o desenvolvimento do corpo astral passaria a dar-se tão rapidamente que dentro em pouco ela ocuparia neste plano uma situação pouco inferior à do adulto acordado, e estaria, é claro, muito além, pelo

que respeita a ser útil, do mais sábio dos homens ainda por despertar.

Mas, a não ser que o Eu expresso através daquele corpo infantil possuísse a qualificação necessária de uma disposição forte, mas dedicada, e a tivesse claramente manifestado nas suas vidas anteriores, nenhum ocultista tomaria sobre si a gravíssima responsabilidade de o acordar no plano astral.

Quando, porém, o seu carma é tal que é possível elas serem assim acordadas, as crianças revelam-se muitas vezes auxiliares de primeira ordem, entregando-se ao seu trabalho com uma dedicação que é muito belo presenciar. E assim se torna a cumprir a velha profecia: “*Uma criança os conduzirá*”.

Outra pergunta que nos ocorre, ao ler esta história dos dois irmãos, é esta: visto que Cyril foi de qualquer modo capaz de se materializar, pela pura força do amor e da compaixão, e também da vontade, não é estranho que Lancelot, que havia tanto mais tempo tentava comunicar, não fosse capaz de fazer a mesma coisa?

Ora, não há, é claro, dificuldade alguma em compreender porque é que o pobre do Lancelot não foi capaz de se comunicar com o irmão, visto que essa inabilidade é simplesmente o estado normal; o que é estranho é que Cyril pudesse materializar-se, e não que Lancelot não pudesse.

Não só, porém, era o sentimento provavelmente mais forte no caso de Cyril, mas dava-se também o caso dele saber exatamente o que queria fazer — de saber que era possível uma coisa chamada materialização, e de ter alguma ideia de como isso se fazia — ao passo que Lancelot, como é natural, nada disso sabia então, conquanto agora já o saiba.

Capítulo XI.

Naufrágios e Catástrofes

Às vezes é possível aos membros do grupo de auxiliares evitar catástrofes iminentes de caráter um tanto mais importante. Em mais de um caso, quando o comandante de um navio tem sido levado inconscientemente para fora do seu curso por qualquer corrente desconhecida ou por qualquer erro nos cálculos, correndo com isso um risco qualquer, tem sido possível evitar um naufrágio, impressionando-lhe, repetidamente no espírito, uma sensação de que qualquer coisa não está bem, e, ainda que isto pareça em geral no cérebro do comandante apenas como uma intuição avisadora, em todo o caso, quando é muito repetida, é quase certo ele acabar por lhe prestar alguma atenção e tomar as precauções que lhe pareçam convenientes.

Em um caso, por exemplo, em que o patrão de uma barca estava muito mais perto da costa do que supunha, repetidamente se lhe sugeriu que lançasse a sonda e, ainda que resistisse a esta sugestão durante algum tempo, por lhe parecer desnecessária e absurda, acabou por dar a ordem numa voz um pouco hesitante. O resultado sobressaltou-o, e ele imediatamente se fez mais ao largo, ainda que foi só de manhã que pôde compreender quão próximo esteve de um desastre iminente.

Muitas vezes, porém, uma catástrofe é cármica de sua natureza, e não pode, portanto, ser evitada; mas não se deve julgar que, por isso, não se pode prestar nenhum auxílio. Pode bem ser que as pessoas de que se

trate sejam destinadas a morrer neste momento, não havendo, portanto, possibilidade de as salvar da morte; mas em muitos casos sempre será possível prepará-las para ela, assim como auxiliá-las, mortas já, no além-mundo. De resto, pode afirmar-se que, sempre que uma catástrofe de qualquer espécie se dá, dá-se também uma especial missão de auxílio.

Dois casos recentes em que se prestou esse auxílio foram o naufrágio do *Drumond Castle* ao pé do cabo de Ushant, e o terrível ciclone que devastou a cidade de Saint Louis, na América. Em ambos estes casos foi dado um aviso de alguns minutos, e os auxiliares fizeram quanto puderam para acalmar e levantar os espíritos dos indivíduos, de modo que, quando o choque viesse, os perturbasse menos do que seria de esperar. Como é natural, porém, a maior parte do trabalho feito com as vítimas, em ambas estas calamidades, realizou-se no plano astral — depois de eles terem abandonado os corpos físicos; mas disto mais adiante falaremos.

É triste relatar quantas vezes, quando uma catástrofe está iminente, os auxiliares são perturbados nos seus trabalhos de bondade pelo pânico entre aqueles que o perigo ameaça — ou, às vezes, o que é pior, por uma louca explosão de bebedeiras entre aqueles a quem pretendem socorrer. Há muitos navios que tem ido para o fundo com quase toda a gente a bordo bêbeda a cair, e, portanto, inteiramente incapaz de aproveitar qualquer auxílio oferecido, quer antes da morte, quer durante bastante tempo depois.

Se alguma vez nos acontecer encontrarmo-nos numa situação de perigo iminente que não podemos evitar, devemos tentar compenetrar-nos de que o auxílio está com certeza perto de nós, e que de nós, e só de nós, depende tornarmos fácil ou difícil o trabalho do auxiliar.

Se encararmos o perigo com calma e coragem, cônscios de que

o verdadeiro Eu de modo algum pode ser afetado por ele, os nossos espíritos estarão então aptos a receber o auxílio que os auxiliares estão tentando dar-nos; e isto não pode senão ser o melhor possível para nós, quer o fim desse auxílio seja salvar-nos da morte, quer seja, quando isso é impossível, apenas fazer-nos atravessá-la tranquilamente.

O auxílio desta última espécie tem sido dado muitas vezes em caso de desastres acontecidos a indivíduos, assim como em catástrofes mais gerais. Bastará que demos um exemplo, para ilustrar o que queremos dizer. Em um dos grandes temporais, que tantos estragos fizeram há anos nas nossas costas, aconteceu que um barco de pesca virou longe da terra.

Os únicos tripulantes eram um velho pescador e um menino, e o primeiro conseguiu agarrar-se durante alguns minutos ao barco virado. Não havia auxílio físico próximo, e, mesmo que houvesse, teria sido impossível prestá-lo num temporal daqueles; de modo que o pescador sabia perfeitamente que não havia esperanças de salvação, e que a morte era apenas questão de momentos.

Sentiu um grande terror ao ver isto, impressionando-o sobretudo, a terrível solidão daquela vasta extensão marítima; também o apoquentaram muito ideias da sua mulher e da sua família, que ficariam na miséria com a sua morte repentina.

Uma auxiliar que passava, vendo isto, tentou animá-lo, mas, reparando que o seu espírito estava perturbado demais para que fosse possível sugestioná-lo, achou melhor mostrar-se-lhe para melhor poder prestar-lhe auxílio.

Ao contar o caso depois, ela disse que a mudança fisionômica do pescador ao vê-la foi extraordinária e muito bela; com a forma luminosa sobre o barco a que se agarrava, ele não podia deixar de

crer que um anjo o tinha vindo animar no seu perigo, e por isso sentiu que não só atravessaria incólume as portas da morte, mas também que a sua família receberia auxílio de alguém.

Por isso quando, momentos depois, a morte veio ter com ele, o seu estado de espírito era muito diverso da perplexidade e do terror que antes o avassalavam; e, como é natural, quando retomou consciência no plano astral e viu que o “anjo “ continuava a seu lado, sentiu-se à vontade ao lado dela, e pronto a aceitar os seus conselhos com respeito à vida nova em que tinha ingressado.

Tempos depois, esta mesma auxiliar prestou um outro serviço de ordem muito parecida, que relatou depois, como segue:

“— Devem lembrar-se daquele vapor que foi ao fundo com o ciclone de 15 de novembro passado. Transportei-me até ao camarote onde estavam fechadas uma dúzia de mulheres e as encontrei a se lamentarem do modo mais triste, chorando e gritando de terror. O navio tinha de ir ao fundo — não havia auxílio possível — e sair do mundo neste estado de terror louco é a pior maneira de entrar no outro.

“De modo que, para as acalmar, materializei-me, e está claro que as pobres criaturas julgaram que eu era um anjo; caíram de joelhos, pedindo que as salvasse, e uma pobre mãe estendeu-me o filhinho pedindo-me que ao menos o pusesse a salvo. À medida que falávamos, não tardou que elas se tornassem calmas, a criancinha adormeceu, e daí a pouco dormiam todas e eu enchi-lhes o espírito de pensamentos do mundo celestial, de modo que não acordaram quando o navio deu o mergulho final. Desci com elas para me as segurar que dormissem até ao fim e elas não se mexeram ao passarem do sono para a morte”.

Evidentemente, que neste caso, também, os auxiliados não só tiveram a enorme vantagem de poder encontrar a morte com calma e segurança, mas a vantagem, ainda maior, de serem recebidos na outra margem por alguém que já estava disposto a amar e crer — alguém que compreendia inteiramente esse novo mundo em que se encontravam, e não só lhes podia assegurar que estavam salvos, mas também aconselhá-los como orientar as suas vidas nessas circunstâncias tão diferentes. E isto leva-nos a considerar uma das seções maiores e mais importantes do trabalho dos auxiliares invisíveis — o auxílio e os conselhos que podem dar aos mortos.

Capítulo XII.

Trabalho entre os Mortos

Um dos muitos males que têm origem nos ensinamentos absolutamente errôneos, com respeito às condições depois da morte, infelizmente corrente no nosso mundo ocidental, é que aqueles que acabam de despir este traje mortal ficam, em geral, extremamente perplexos e, por vezes, muito assustados ao encontrar ali tudo tão diferente de quanto a sua religião os levou a esperar.

A atitude mental de um grande número dessa gente foi concisamente expressa há pouco por um general inglês, que, três dias depois da morte, encontrou um do grupo dos auxiliares que o tinha conhecido na vida física.

Depois de exprimir a sua satisfação por encontrar enfim alguém com quem pudesse comunicar-se, a sua primeira observação foi: *“Mas se eu estou morto, onde é que estou? Se isto é o céu, não me parece grande coisa; e, se é o inferno, é melhor do que eu esperava”!*

Mas, infelizmente, um grande número de pessoas recebe tudo isto de um modo bem menos filosófico. Ensinaram-lhes que todos os homens são destinados às chamas eternas, exceto uns poucos favorecidos, que são sobre-humanamente bons; e, visto que basta uma pequena autoanálise para eles se persuadirem de que não pertencem a essa categoria, acontece que muitas vezes se encontram num estado de grande terror, temendo a todo o momento que o novo mundo em que se acham se dissolva e os deixe cair

nas garras daquele domínio em que tão insidiosamente foram levados a crer.

Em muitos casos passam grandes períodos de intenso sofrimento mental antes que se possam libertar da influência fatal dessa doutrina blasfema das penas eternas — antes que consigam compreender que o mundo é regido, não segundo o capricho de um diabo hediondo, que se deita com a angústia humana, mas por uma benéfica e extraordinariamente paciente lei de evolução, que é, na verdade, absolutamente justa, mas que repetidas vezes oferece aos indivíduos oportunidades de progresso, se eles as quiserem aproveitar, em todos os estágios da sua evolução.

Deve, de resto e para fazer justiça, ser mencionado que é só nos povos chamados *protestantes* que este terrível mal assume as suas maiores proporções.

A grande Igreja Católica Romana, com a sua doutrina de purgatório, aproxima-se muito mais de uma certa noção do plano astral, e os seus membros, crentes pelo menos, compreendem que o estado em que se encontram pouco depois da morte é apenas um estado temporário, e que é sua tarefa tentarem erguer-se acima dele o mais depressa possível por uma intensa aspiração espiritual, ao passo que aceitam qualquer sofrimento que lhes surja como sendo necessário para destruir as imperfeições do seu caráter antes que possam subir às regiões mais altas e mais brilhantes.

Por isso se verá que há bastante trabalho para os auxiliares entre os recém-mortos, pois que, na maioria dos casos, estes precisam ser acalmados e animados, confortados e instruídos. No mundo astral, como no físico, há muita gente pouco disposta a receber conselhos daqueles que sabem mais do que eles; mas a própria estranheza das condições que os

cercam torna muitos dos mortos desejosos de aceitar a guia daqueles a quem essas condições são conhecidas; e a estada de muitos indivíduos sobre esse plano tem sido bastante encurtada pelos esforços dedicados desse grupo de auxiliares enérgicos.

Entenda-se bem: não é que o carma do morto possa de modo algum ser alterado; durante a vida, ele construiu-se um corpo astral de um certo grau de densidade, e, enquanto esse corpo não estiver suficientemente dissolvido, não poderá ele passar para o mundo celestial que se segue; mas o que é escusado é que ele alongue o período necessário para esse processo pela adoção de uma atitude imprópria.

Todos os estudiosos devem compreender claramente a verdade de que a duração da vida astral de um indivíduo, depois que abandonar o seu corpo físico depende sobretudo de dois fatores — a natureza da sua vida física passada e a atitude do seu espírito depois daquilo a que chamamos morte.

Durante a sua vida terrena ela está constantemente a influenciar a organização da matéria no seu corpo astral. Afeta-a diretamente pelas paixões, emoções e desejos que deixa que o dominem; afeta-a indiretamente pela ação que sobre elas têm os seus pensamentos de cima, assim como os detalhes da sua vida quotidiana — a sua continência ou depravação, a sua limpeza de vida, ou o contrário, o que come e o que bebe — aqui embaixo.

Se, pela persistência na perversidade em qualquer destes gêneros, ele tem a estupidez de se fabricar um instrumento astral grosseiro e denso, habituado a responder só às vibrações inferiores desse plano, encontrar-se-á depois da morte ligado a esse plano durante o longo e lento processo da desintegração desse corpo.

Se, por outra, uma vida cuidadosa e decente lhe dá um instrumento composto da mais sutil matéria, terá muito menos atrapalhão e desconforto *post-mortem*, e a sua evolução prosseguirá com muito maior rapidez e facilidade.

Em geral, isto é compreendido, mas o segundo grande fator — a atitude do seu espírito depois da morte — parece muitas vezes não lembrar. O que é essencial é que ele compreenda a sua situação neste pequeno trecho da sua evolução — que saiba que neste estágio se está retirando seguramente para dentro, para o plano do verdadeiro Eu, e que, por conseguinte, é sua tarefa tirar o seu pensamento, quanto possível, das coisas físicas, fixando a sua atenção cada vez mais sobre aquelas coisas espirituais que a ocuparão durante a sua vida no mundo celeste. Fazendo isto, facilitará muito a desintegração astral natural, e evitará o erro infelizmente vulgar de se demorar nos níveis inferiores mais do que deve ser uma residência tão temporária.

Muitos mortos, porém, atrasam consideravelmente o processo de dissolução pelo apego que têm à terra que deixaram; recusam-se a dirigir para o alto os seus pensamentos e desejos, e gastam o tempo lutando com toda a sua força por se conservarem em pleno contato com o plano físico, causando assim um grande trabalho a quem pretenda auxiliá-los. As coisas terrenas são as únicas por que se interessaram verdadeiramente, e a elas se apegam com uma tenacidade desesperada mesmo após a morte.

Como é natural, à medida que o tempo vai passando, vão achando cada vez mais difícil segurar-se às coisas deste mundo, mas, em vez de apreciar e ajudar este processo de afinamento e de espiritualização, resistem a ele vigorosamente por quantos meios têm ao seu alcance.

Está claro que a grande força da evolução vem, por fim, a ser forte demais para eles, e acabam por ser arrastados pela sua corrente benéfica, mas lutam a cada passo, e assim não só se causam uma grande quantidade de dor e tristeza absolutamente escusadas, mas também seriamente atrasam o seu progresso ascensional, prolongando demasiado a sua estada nas regiões astrais.

Convencê-los de que essa oposição ignorante e desastrosa à vontade cósmica é contrária às leis da natureza, e persuadi-los a que adotem uma atitude de espírito que seja exatamente o contrário, forma grande parte do trabalho daqueles que desejam auxiliar.

Acontece ocasionalmente que os mortos são ligados à terra pela ansiedade — ansiedade, às vezes, por causa de deveres não cumpridos ou de dívidas morais a pagar, mas, mais vulgarmente, por causa de mulher e filhos que ficaram desamparados. Em casos destes, mais de uma vez foi preciso antes que o morto, já tranquilizado se dispusesse a seguir o seu caminho ascensional, que o auxiliar agisse de certo modo como o seu representante no plano físico, atendendo em seu lugar aos negócios que deixou de fazer. Talvez isto se revele mais claro com um exemplo tirado da nossa experiência recente.

Um membro do grupo de auxiliares estava tentando ajudar um pobre homem que tinha morrido em uma das cidades ocidentais da Inglaterra, mas viu que era impossível desviar-lhe o pensamento das coisas terrenas, por causa da sua preocupação pelos seus dois filhos pequeninos que a sua morte deixara ao desamparo.

Tinha sido operário e a pequenez dos seus ganhos não lhe havia permitido juntar dinheiro para eles; a mulher tinha-lhe morrido havia dois anos e a senhoria da casa onde morava, ainda que

extremamente bondosa e pronta a fazer qualquer coisa que pudesse, era pobre demais para poder adotar as crianças, e por isso chegara, malgrado seu, à conclusão de que se veria obrigada a entregá-las à assistência paroquial.

Isto causava um grande sofrimento ao pobre pai morto, ainda que, é claro, não pudesse censurar a senhoria, nem mesmo se pudesse lembrar de outro caminho a seguir.

O nosso amigo perguntou-lhe se não tinha parente nenhum a quem as pudesse entregar, mas o pai não sabia de nenhum. Tinha, disse, um irmão mais novo, que com certeza faria qualquer coisa nesta conjuntura, mas havia quinze anos que o perdera de vista, e nem sabia se ele estava vivo ou morto. Quando pela última vez tivera notícias dele, soubera que era aprendiz de carpinteiro no Norte, e então o informaram de que era um rapaz trabalhador e sério que, se vivesse, com certeza abriria caminho.

Estes dados eram por certo escassos, mas visto que não havia outra possibilidade de auxiliar as crianças, o nosso amigo achou que valeria a pena fazer um esforço especial para encontrar o irmão, servindo-se mesmo desses dados.

Levando consigo o morto, começou, na cidade indicada, a procurar cuidadosamente o irmão; depois de muito trabalho, tiveram a sorte de o encontrar. Era agora dono de uma oficina de carpintaria, e fazia um razoável negócio; além disso, era casado, mas não tinha filhos, conquanto desejasse tê-los. Era, pois, ao que parecia, exatamente a criatura que convinha.

O ponto agora era como é que esta informação lhe podia ser dada. Felizmente, descobriu-se que ele era bastante impressionável para que as circunstâncias da morte do seu irmão e o desamparo dos seus sobrinhos

lhes pudessem ser vividamente expostos num sonho; este sonho foi três vezes repetido, sendo-lhes claramente indicado o lugar e até o nome da senhoria.

Esta visão repetida impressionou-o muito e ele discutiu-a com a mulher, que o aconselhou a escrever para o endereço dado. Isto não gostava ele de fazer, mas sentia-se disposto a uma pequena viagem para aqueles lados, para investigar se existia uma casa como a que tinha visto em sonho e, se assim fosse, ir lá bater à porta com uma desculpa qualquer.

Era, porém, um homem cheio de afazeres e acabou por decidir que não valia à pena perder um dia de trabalho por causa do que, afinal, naturalmente não passava de um sonho.

Esta tentativa tendo, pois, aparentemente falhado, decidiu-se tentar um outro processo; e assim um dos auxiliares escreveu uma carta ao homem, detalhando as circunstâncias da morte do seu irmão e a condição atual dos filhos, em exata coincidência com o que ele tinha visto no seu sonho. Ao receber esta informação, ele já não hesitou, e logo no dia seguinte partiu para a cidade indicada, sendo recebido de braços abertos pela bondosa senhoria.

Não fora difícil aos auxiliares persuadi-la, dada a sua bondade, a conservar as crianças em sua casa durante ainda alguns dias para ver se sempre aparecia alguém que as viesse buscar, e muito se congratula ela por ter feito isso.

É claro que o carpinteiro levou as crianças consigo e lhes deu uma casa feliz, e o pai morto, já despreocupado, seguiu, contente, o seu caminho ascensional.

Visto que alguns escritores teosóficos têm sentido ser seu dever insistir vigorosamente sobre os males que frequentes vezes provêm da

realização de sessões espíritas, é de justiça confessar que por vezes trabalho bem útil, semelhante ao do auxiliar no caso já citado, tem sido feito por intermédio de um médium ou de alguém presente numa sessão.

Assim, conquanto o Espiritismo tenha muitas vezes retardado almas que, se não fosse ele, mais depressa se teriam libertado tem de ser levado a crédito da sua conta o fato de que ele também tem dado a outros os meios de se libertar, abrindo-lhes o caminho do progresso.

Tem havido casos em que o defunto pode, sem auxílio, aparecer aos seus parentes ou amigos e explicar-lhes os seus desejos; mas estes são, é claro, raros, e a maioria das almas, que estão ligadas à terra por preocupações do gênero indicado, podem satisfazer-se apenas por meio dos serviços do médium ou do auxiliar consciente.

Outro caso que frequentemente se encontra no plano astral é o do indivíduo que não pode crer que está morto. É certo que a maioria das pessoas consideram o fato de continuarem estando conscientes como prova absoluta de que ainda não passaram as portas da morte; o que não deixa de ser, se nisto refletirmos, uma curiosa sátira ao valor prático da nossa tão apregoada crença na imortalidade da alma!

Qualquer que seja a crença que tenham dito ter em vida, a grande maioria dos que morrem, pelo menos neste país, mostra pela sua atitude subsequente que foram realmente, para todos os fins possíveis, puros materialistas; e aqueles que no mundo honestamente se deram como tais, muitas vezes não oferecem mais dificuldade para serem auxiliados do que outros que se indignariam se tal designação se lhe aplicasse.

Um caso muito recente foi o de um homem de ciência que, encontrando-se plenamente consciente, e, contudo, em condições

divergindo radicalmente de quaisquer outras que antes conheceu, persuadiu-se que ainda vivia e era apenas vítima de um sonho prolongado e desagradável.

Felizmente para ele, havia entre o grupo daqueles capazes de funcionar sobre o plano astral, o filho de um velho amigo seu, cujo pai o tinha encarregado de procurar o cientista morto e de tentar prestar-lhe algum auxílio.

Quando, depois de algum esforço, o rapaz o achou e se lhe dirigiu, o cientista admitiu que estava numa condição de grande perplexidade e desconforto, mas não abandonara ainda a sua hipótese, sobre aquilo ser tudo um sonho, como sendo a mais provável das explicações para o que estava vendo, e chegou mesmo a aventar a ideia de que o seu visitante também não passasse de uma figura de sonho!

Por fim, porém, cedeu ao ponto de propor uma espécie de prova e disse ao jovem: *“Se és, como dizes, uma criatura viva e o filho do meu velho amigo, traz-me qualquer comunicação dele que me prove a tua existência objetiva”*. Ora, conquanto, em todas as condições usuais do plano físico, dar qualquer espécie de prova fenomênica é estritamente proibido aos alunos dos Mestres, parecia que um caso desta espécie não infringia as regras; e por isso, quando se tinha averiguado que nenhuma objeção havia da parte de autoridades superiores, foi feita aplicação ao pai, que imediatamente mandou comunicação referente a coisa que se tinha passado antes de o filho nascer.

Isto convenceu o morto da existência real do seu jovem amigo, e, portanto, do plano sobre que estavam ambos funcionando; e logo que isto se lhe estabeleceu no espírito, a sua educação científica se manifestou, tornando-se ele imediatamente ansioso para obter informação a propósito

desta nova região.

Está claro que a mensagem, que ele tão prontamente aceitou como prova, não constituiu na realidade prova nenhuma, visto que os fatos a que ela se referia podiam ter sido lidos, do seu próprio espírito ou dos registros akáshicos, por qualquer criatura possuidora de sentidos astrais; mas a sua ignorância destas possibilidades fez com que ele pudesse receber essa impressão definida e a instrução teosófica que o seu jovem amigo agora todas as noites lhe ministra, terá sem dúvida uma influência estupenda sobre o seu futuro, pois não pode deixar de modificar muito, não só o estado celestial que o espera, mas também a sua encarnação seguinte sobre a terra.

O trabalho principal, pois, que os nossos auxiliares têm de fazer para com os recém-mortos é o de os confortar e animar — de os livrar, quando possível, do medo terrível, mas irracional que muitas vezes os avassala e que não só lhes causa muito sofrimento desnecessário, mas também lhes atrasa o progresso para as esferas superiores — e de os habilitar, tanto quanto possam, a compreender o futuro que está adiante deles.

Outros, que já estão há mais tempo no plano astral, também podem receber muito auxílio, caso o queiram aceitar, por explicações e conselhos com referência ao seu curso através dos seus estágios diversos. Podem, por exemplo, ser avisados do perigo e da demora causados por tentarem comunicar-se com os vivos através de um médium, e às vezes (ainda que raramente uma entidade já atraída para um círculo espírita, pode ser guiada para uma vida mais alta e mais sã.

Os ensinamentos assim prestados a indivíduos neste plano não se perdem nunca porque, conquanto a memória deles (é claro) não possa passar para a encarnação seguinte, fica sempre o verdadeiro

conhecimento íntimo e, portanto, a forte predisposição para o aceitar, quando se torna a ouvi-lo na nova vida.

Capítulo XIII.

Outros Ramos de Trabalho

Voltando agora do importantíssimo trabalho entre os mortos à consideração do trabalho entre os vivos, devemos fazer uma referência a um ramo importante desse trabalho, o qual, se não fosse notado, tornaria este estudo da obra dos *auxiliares invisíveis*, na verdade, incompleto; trata-se da grande parte do trabalho que é feito por sugestão, isto é, simplesmente pondo bons pensamentos nos espíritos aptos a recebê-los.

Não haja equívoco sobre o que acaba de se escrever. Seria perfeitamente fácil —, fácil a um ponto inteiramente incrível a qualquer pessoa que não compreenda praticamente o assunto — a um auxiliar dominar o espírito de qualquer indivíduo normal, e fazê-lo pensar o que quisesse, e isso sem ele levantar a mais leve suspeita de influência estranha no seu espírito. Mas, por admirável que pudesse ser o resultado, este processo seria inteiramente inadmissível.

O mais que é permitido fazer é lançar o bom pensamento para dentro do espírito da criatura como uma das centenas de pensamentos que constantemente o atravessam; e o indivíduo o aceita, o torna seu e age no sentido dele, são coisas que dependem inteiramente do próprio indivíduo. Se as coisas se dessem de outro modo é claro que todo o bom carma da ação caberia apenas ao auxiliar, porque o indivíduo influenciado teria sido apenas um brinquete, e não um agente — e não é isso que se deseja conseguir.

O auxílio dado desta forma assume aspectos extremamente variados. Ocorre-nos imediatamente que um deles é a consolação dos que estão sofrendo ou tristes, e outros tentar guiar para a verdade aqueles que ardentemente a procuram.

Quando um indivíduo está dedicando o seu constante pensamento a qualquer problema espiritual ou metafísico, é muitas vezes possível colocar-lhe a solução no espírito sem que ele tenha consciência que ela é devida a uma agência externa.

Um aluno pode também ser empregado como agente no que se não pode descrever senão como uma resposta a uma prece; porque, conquanto seja certo de qualquer intenso desejo espiritual, daqueles que se podem conceber como manifestando-se em oração, é já de si uma força que automaticamente produz certos resultados, também é certo que um esforço espiritual desses dá uma oportunidade de influência aos Poderes do Bem, e eles não tardam em se valer dessa oportunidade; é por vezes privilégio de um auxiliar dedicado ser escolhido para agente através do qual a energia desses Poderes se derrama. O que afirmamos da prece é ainda mais verdade com respeito à meditação, para aqueles para quem esse exercício mais elevado é possível.

Além destes métodos mais gerais de auxílio, outros há acessíveis apenas a uma minoria. Repetidas vezes, alunos para isso, competentes, têm sido empregados para sugerir pensamentos verdadeiros e belos a autores, poetas, artistas e músicos; mas é claro que não é qualquer auxiliar que pode ser usado para este fim.

Às vezes, ainda que menos frequentemente, é possível avisar um indivíduo do perigo que, para o seu desenvolvimento moral, há em determinada ordem de pensamento pelos quais se está guiando, afastar

más influências de qualquer pessoa ou lugar, ou contrariar as maquinações de magos negros.

Não é frequente dar-se instrução nas grandes verdades da natureza a criaturas alheias ao círculo de estudantes do oculto, mas às vezes é possível fazer qualquer coisa neste gênero, colocando diante do espírito de um pregador ou de um professor uma ordem mais vasta de pensamentos, ou uma noção mais liberal de qualquer assunto, do que ele espontaneamente manifestaria.

Claro está que, à medida que um estudioso do oculto avança no Caminho, vai atingindo uma esfera de utilidade cada vez mais vasta. Em lugar de auxiliar apenas indivíduos, aprende como se auxiliam classes, nações e raças, e é-lhe entregue uma porção cada vez maior do trabalho superior e mais importante executado pelos próprios Adeptos.

À medida que adquire o preciso poder e conhecimento, começa a manejar as forças superiores do acaso e da luz astral, e é-lhe indicado como melhor se pode aproveitar de cada influência cíclica favorável.

E posto em contato com esses grandes *Nirmanakayas* que às vezes são simbolizados como as Pedras do Muro da Guarda, e torna-se — primeiro, é claro, na mais humilde das capacidades — um do grupo dos seus esmoleres, aprendendo como são difundidas aquelas forças que são o fruto do sublime sacrifício de si próprios.

Assim vai subindo cada vez mais até que, chegando por fim ao grau de Adepto, pode tomar a sua parte da responsabilidade que pesa sobre os Mestres da Sabedoria e auxiliar outros a seguir o caminho que ele próprio percorreu.

No plano devacânico, o trabalho é já um pouco diferente, visto que ali o ensino pode ser dado e recebido de uma maneira muito mais direta,

rápida e perfeita, e as influências postas em ação são infinitamente mais poderosas, por agirem num nível tão superior. Mas (ainda que seja por enquanto inútil referirmo-nos a esse plano, pois que pouquíssimas são as pessoas capazes de nele funcionar durante a vida) aqui também — e mesmo mais acima — há sempre muito trabalho a fazer, logo que nos tornamos capazes de o tomar sobre nós; e não há na verdade a recear que durante milênios sem conta venhamos alguma vez a encontrar-nos sem ter aberta diante de nós uma carreira de utilidade altruísta.

Capítulo XIV.

As Qualificações Precisas

Mas como — perguntar-se-á — é que nos podem tornar capazes de tomar parte nesta obra grandiosa? Não há verdade, mistério algum quanto às qualificações precisas para quem deseje tornar-se um auxiliar; a dificuldade não está em saber quais elas são, mas em desenvolvê-las em nós. Até certo ponto, já incidentalmente as temos descrito, mas não deixa de ser conveniente que plena e categoricamente as exponhamos.

1.) - Unidade de espírito. — O primeiro requisito é que tenhamos reconhecido a grande obra que os Mestres querem que façamos, e que ela seja para nós o único grande interesse das nossas vidas.

Devemos aprender a fazer a distinção, não só entre o trabalho útil e o inútil, mas também entre as várias espécies de trabalho útil, de modo que possamos entregar-nos ao mais alto que somos capazes de fazer, e não perder o nosso tempo tratando de qualquer coisa que, por boa que seja para o indivíduo que não pode fazer nada melhor, é indigna de conhecimento e da capacidade que devem ser nossos como teosofistas.

Um indivíduo que queira ser considerado apto a trabalhar em planos superiores deve começar por fazer o que puder no sentido de um trabalho definido para a Teosofia aqui neste plano.

Está claro que nem um momento pretendo que devamos descurar os deveres quotidianos da nossa vida. Por certo que bem faremos se não tomarmos sobre nós novos deveres mundanos, mas aqueles que já nos pesam nos ombros são uma obrigação cármica que não temos o direito de descurar.

A não ser que tenhamos cumprido integralmente os deveres que o carma nos impôs, não estamos ainda livres para o trabalho superior.

Este trabalho superior deve, porém, ser para nós a única coisa para que é realmente digno que vivamos — o fundo constante de uma vida que é consagrada ao serviço dos Mestres da Compaixão.

2.) - Perfeito domínio de si próprio. — Antes que nos possamos confiadamente entregar os poderes maiores da vida astral, devemos ter obtido um perfeito domínio de nós próprios. O nosso gênio, por exemplo, deve estar perfeitamente dominado, de modo que nada que vejamos ou ouçamos nos possa causar verdadeira irritação, porque as consequências dessa irritação seriam para nós muito mais graves naquele plano do que neste.

A força do pensamento é sempre um poder enorme, mas neste mundo é reduzida e amortecida pelas pesadas partículas cerebrais físicas que tem de pôr em movimento.

No mundo astral é muito mais livre e mais potente, e se um indivíduo com essa faculdade plenamente acordada sentisse raiva contra qualquer pessoa ali, isso importaria causar-lhe um dano grave e talvez fatal.

Não só precisamos dominar o nosso temperamento, mas também os nossos nervos, para que nenhum dos espetáculos fantásticos ou terríveis que encontramos, possa abalar a nossa coragem invencível. Não devemos esquecer que o aluno que acorda um indivíduo no mundo astral, fica tendo certa responsabilidade pelos seus atos e a sua segurança, de modo que, a não ser que o seu neófito tenha força para se aguentar por si, todo o tempo do operador antigo se gastará em pairar constantemente em torno a ele para o proteger, o que seria manifestamente absurdo esperar que se fizesse.

É para garantir a existência deste domínio dos seus nervos, e para os preparar para a obra a realizar, que os candidatos têm sempre que passar, como antigamente, pelas chamadas provas da terra, da água, do ar e do fogo.

Em outras palavras, têm de saber com a certeza absoluta, que só a prática e não a teoria, pode dar, que aos seus corpos astrais nenhum desses elementos pode de modo algum causar dano — que nenhum deles pode opor obstáculo algum ao trabalho que tenham de fazer.

Neste corpo físico estamos absolutamente convencidos de que o fogo

nos queimará, que a água nos afogará, que a rocha sólida forma um obstáculo absoluto ao nosso avanço, que não podemos com segurança projetar-nos sem suporte pelo ar que nos cerca.

Tão fundamente enraizada em nós está esta crença, que custa muito à maioria dos homens dominar o gesto instintivo que dela decorre, e compreender que, no corpo astral, o mais denso dos rochedos não pode impedir a sua liberdade de movimentos, que pode sem receio saltar do mais alto dos píncaros e atirar-se confiadamente para o meio do mais violento dos vulcões ou o mais fundo dos abismos do mar.

Enquanto, porém, o indivíduo não aprende isto — enquanto não o sabe bastante para poder instintiva e imediatamente valer-se dessa certeza de agir — ele é relativamente imprestável para o trabalho astral, visto que, em conjunturas que constantemente estão surgindo, ele se encontraria perpetuamente paralisado por dificuldades imaginárias.

Por isso tem que atravessar essas provas e várias outras experiências estranhas — encontrar frente a frente e sem o menor receio as aparições mais terríficas nas circunstâncias mais repugnantes — mostrar, em suma, que na sua coragem se pode ter confiança em qualquer dos variadíssimos gêneros de circunstâncias em que, de um momento para outro, ele se possa encontrar.

Além disso, é indispensável o domínio das ideias e dos desejos; das ideias, porque sem poder de concentração seria impossível trabalhar competentemente em todas as correntes variadas do plano astral; dos desejos, porque, naquele estranho mundo, desejar é muitas vezes obter, e, a não ser que tivéssemos bem dominada esta parte da nossa natureza, poderíamos talvez encontrar-nos frente a frente com criações da nossa mente de que nos sentíssemos verdadeiramente envergonhados.

3.) - Calma. — É este outro ponto importantíssimo: a ausência de toda a apoquentação e depressão. Grande parte do trabalho consiste em acalmar os que estão perturbados e animar os que estão tristes; e como o poderá fazer um auxiliar se a sua própria aura estiver vibrando com a constante apoquentação de incerteza, ou a cinzenta negrura fatal que nasce da depressão perpétua?

Nada há mais completamente pernicioso para o progresso oculto ou a utilidade oculta, do que o nosso hábito moderno de incessantemente nos contrariarmos com ninharias — de eternamente tomar os montículos por montanhas. Muitos de nós limitamo-nos a passar a vida a exagerar as insignificâncias mais absurdas — a tratar solene e persistentemente de nos deprimirmos a propósito de coisas de nada.

Nós, que somos teosofistas, devíamos, ao menos, ter já abandonado este estágio de depressão irracional e apoquentação sem causa; devíamos, nós, que tentamos adquirir um conhecimento certo da ordem cósmica, já ter compreendido que a visão otimista de todas as coisas é a que está mais próxima da visão divina, e, portanto, da verdade, porquanto só aquilo que em qualquer pessoa é bom e belo pode, em qualquer hipótese, ser permanente, ao passo que o mau tem, por sua natureza, de ser transitório.

De fato, como disse **Browning**: “*o mal é nulo, é nada, é o silêncio implicando o som*”, ao passo que acima e além dele “*a alma das coisas é suave, o Coração do Ser é descanso celestial*”. Por isso aqueles que sabem, mantêm uma calma inalterável, e à Sua perfeita simpatia juntam a serenidade contente de quem sabe que tudo acabará por ficar bem; e quantos queiram auxiliar devem seguir o Seu exemplo.

4.) - Conhecimento. — Para ser útil o indivíduo deve ao menos ter algum conhecimento da natureza do plano em que tem que trabalhar, e quanto maiores forem os conhecimentos que tiver em qualquer sentido, mais útil poderá ser. Deve preparar-se para esta tarefa estudando cuidadosamente quanto se tem escrito sobre o assunto nos livros teosóficos; porque não pode esperar que aqueles cujo tempo já está tomado, gastem parte dele a explicar-lhe o que ele podia ter aprendido aqui pela leitura de alguns livros.

Quem não for já um estudioso tão atento, quanto o permitam as suas oportunidades e inteligência, escusa de começar a julgar-se competente para o trabalho astral.

5.) - Amor. — Esta, a última e a maior de todas as qualificações, é também a mais mal interpretada. Por certo que não se trata do

sentimentalismo reles e vulgar, sem espinha dorsal, que está sempre se manifestando através de vagas banalidades e generalidades difusas, mas que teme manter-se firme pelo que é justo com o receio de que o alcunhem de “pouco fraternal”.

O que é preciso é o *amor que é suficientemente forte para não se apregoar*, mas para agir sem falar, o intenso desejo de dedicação que está sempre à procura de um ensejo para empregar, ainda que seja anonimamente — o sentimento que nasce no coração daquele que compreendeu a grande obra do Logos, e, uma vez tendo-a compreendido, sabe que para si não pode haver outro caminho, nos três mundos, senão o de se identificar com ela quando possa — torna-se, por humildemente que seja e pela distância a que o faça, um pequeno conduto daquele maravilhoso amor de Deus, que, como a paz do Senhor, está além da nossa compreensão.

São estas as qualidades cuja posse o auxiliar deve constantemente procurar obter, e das quais tem por força de ter uma grande parte antes que possa esperar que os Grandes Seres que estão por detrás o julguem digno de ser acordado inteiramente.

O ideal é na verdade elevado, mas escusa alguém de se afastar dele, desanimado, ou de julgar que, enquanto não está senão a procurá-lo ansiosamente, deve necessariamente ser inteiramente imprestável no mundo astral, porque, aquém dos perigos e das responsabilidades daquele despertar completo, há muito que possa fazer com utilidade e segurança.

Quase todos nós somos capazes de praticar pelo menos um nítido ato de bondade e misericórdia cada noite, ao estarmos longe dos nossos corpos. A nossa condição ao dormirmos é, em geral, lembremo-nos, de absorção nos pensamentos — de continuação dos pensamentos que especialmente nos ocuparam de dia, e sobretudo do último pensamento que tivemos antes de adormecer.

Ora, se fizermos esse último pensamento uma forte intenção

de ir auxiliar alguém que sabemos que precisará de auxílio, a alma, quando liberta do corpo, sem dúvida realizará essa intenção, e o auxílio será dado. Há vários casos conhecidos em que, quando esta tentativa se fez, a pessoa em quem se pensou teve plena consciência do esforço de quem a desejava auxiliar, tendo mesmo, às vezes, visto o seu corpo astral a realizar as instruções que lhe foram dadas.

De resto, escusa qualquer pessoa de se entristecer com o pensamento de que não pode ter parte ou papel neste trabalho glorioso. Esse sentimento seria inteiramente falso, porque quem pode pensar, pode ajudar. E essa ação auxiliadora escusa de ser limitada às horas de sono. Se souberdes (e quem não sabe?) de alguém que esteja sofrendo ou triste, ainda que não possais transportar-vos astralmente até à sua cabeceira, podeis sempre mandar-lhe pensamentos dedicados e bons desejos; e podeis convencer-vos de que esses pensamentos e desejos são reais, vivos e fortes — que, quando efetivamente os mandais, eles vão realmente executar o vosso mandato na razão da força com que os animastes.

Os pensamentos são coisas intensamente reais, absolutamente visíveis àqueles cujos olhos foram abertos ao ponto de os poderem ver, e por meio deles o mais pobre dos homens pode ter a sua parte nas boas obras do mundo, tão seguramente como o mais rico.

Deste modo, pelo menos, quer possamos funcionar conscientemente no plano astral, quer não, podemos todos fazer parte, e devemos todos fazer parte, do exército dos auxiliares invisíveis.

Mas o aspirante, que realmente deseje formar parte do grupo de auxiliares astrais que trabalham sob a direção dos grandes Mestres da Sabedoria, fará a sua preparação parte de um esquema de desenvolvimento muito mais largo.

Em lugar de tentar apenas tornar-se apto para este ramo especial do Seu serviço, determinará, com uma resolução elevada, preparar-se para seguir os Seus passos, concentrar todas as energias da sua alma para obter o que Eles obtiveram, de sorte que o seu poder de auxiliar o mundo se não limite ao plano astral, mas se estenda até àqueles níveis superiores que são o domicílio da personalidade divina do homem.

Para ele o caminho foi talhado há muito tempo pela sabedoria daqueles que antigamente o trilharam — um caminho de desenvolvimento próprio, que, mais tarde ou mais cedo, todos têm de seguir, quer queiram agora adotá-lo por sua livre vontade, quer esperem até que, após muitas vidas e uma infinidade de sofrimentos, a força lenta e irresistível da evolução os arraste por ele afora, entre os preguiçosos da família humana.

Mas sábio é aquele que ardentemente, e logo, entra para esse caminho, voltando-se resolutamente em direção à meta do adepto para que, uma vez livre para sempre de toda a dúvida, de todo o receio e de toda a tristeza, possa auxiliar os outros a obter também a segurança e a felicidade.

Quais são os degraus deste Caminho da Santidade, como lhe chamam os budistas, e em que ordem estão dispostos — eis o que veremos no capítulo seguinte.

Capítulo XV.

O Caminho da Provação

Os livros orientais ensinam-nos que há quatro meios pelos quais um indivíduo pode ser levado à entrada do caminho do progresso espiritual:

1º - Pela companhia daqueles que já para ele entraram.

2º - Escutando ou lendo nítidos ensinamentos sobre a filosofia oculta.

3º - Pela reflexão esclarecida, isto é, pela própria força de pensamento constante e raciocínio cerrado pode chegar à verdade, ou à parte dela, por si próprio.

4º - Pela prática da virtude, o que quer dizer que uma longa série de vidas virtuosas, ainda que não implique necessariamente um aumento de intelectualidade, acaba por desenvolver num indivíduo a intuição suficiente para que ele compreenda a necessidade de entrar para o caminho, e para que ele veja em que direção esse caminho está.

Quando, por um ou outro destes meios, ele chegou a este ponto, o caminho para o mais alto grau de adepto está diante dele, se ele o quiser seguir. Ao escrever para estudiosos do ocultismo, é quase desnecessário dizer que no nosso atual estágio evolutivo não podemos esperar aprender tudo, ou quase tudo, a respeito do que não seja os ínfimos degraus desta senda; ao passo que dos superiores pouco sabemos além dos nomes, ainda que por vezes possamos obter vislumbres ocasionais da glória indescritível que os cerca.

Segundo os ensinamentos esotéricos, esses graus agrupam-se em três grandes divisões:

1º - O período de provação, antes que quaisquer compromissos se tomem ou quaisquer iniciações (no pleno sentido da palavra) sejam dadas. Este leva o indivíduo até ao nível preciso para passar com êxito através daquilo a que em obras teosóficas se chama o período crítico da quinta volta.

2º - O período disciplinar, com compromissos, ou seja, o caminho propriamente dito, a cujos quatro estágios os livros orientais muitas vezes chamam as quatro sendas da santidade. Ao fim deste período o aluno obtém o grau de adepto — o nível a que a humanidade deve chegar no fim da sétima ronda.

3º - Aquele a que ousaremos talvez chamar **o período oficial**, em que o adepto toma uma parte nítida sob a Grande Lei Cósmica no governo do mundo, e tem um mister especial relacionado com esse governo.

Está claro que cada adepto — cada aluno, mesmo, uma vez que seja já aceito, como já vimos nos capítulos anteriores — toma parte na grande obra de auxiliar a evolução humana; mas aqueles que estão nos níveis superiores tomam a seu cargo secções especiais, e correspondem no esquema cósmico aos ministros da coroa num Estado terrestre bem governado.

Não nos propomos neste volume tentar sequer tratar deste período oficial; nenhuma informação a seu respeito veio alguma vez a público e todo o assunto está demasiadamente além da nossa compreensão, para que o possamos utilmente tratar num livro. Limitar-nos-emos, portanto, às **duas primeiras divisões**.

Antes que entremos em detalhes a respeito do período de provação, é bom referir que na maioria dos livros santos do Oriente este estágio é tido por meramente preliminar, e quase nem sendo parte do caminho, pois eles acham que só para este se entra quando se tomam compromissos nítidos.

Bastante confusão tem sido causada pelo fato de que a enumeração dos estágios começa por vezes nesta altura, porém mais

frequentemente, no princípio da segunda grande divisão, às vezes são contados os próprios estágios, outras vezes as iniciações dando entrada para eles ou saída deles, de sorte que, ao estudar esses livros, temos de estar constantemente a prevenir-nos contra um mal-entendido.

Este período de provação, porém, difere bastante, nas suas circunstâncias, dos outros dois; as linhas divisórias entre os seus estágios são menos claramente acusadas do que nos dos grupos superiores, e as qualificações não são nem tão definidas, nem tão exigentes. Mas será mais fácil explicar este último ponto depois de dar uma lista dos cinco estágios deste período, com as suas respectivas qualificações. Os quatro primeiros foram habilmente descritos pelo **Sr. Mohini Mohun Chatterji** na primeira Ata da Loja de Londres, e essa publicação deve ser consultada pelos leitores que quiserem definições mais detalhadas do que as que se seguem. Também se podem colher muitas e valiosas informações a este respeito nos dois livros de **Mrs. Besant**: *O Caminho do Discipulado* e no *Recinto Externo*.

Os nomes dados aos estágios divergiram um pouco, porque naqueles livros se empregou a **terminologia sânscrita hindu**, ao passo que a **nomenclatura páliâ**, aqui empregada, é a do sistema budista; mas, ainda que o assunto seja, por assim dizer, olhado de outra face as qualificações exigidas redundarão nas mesmas quanto ao efeito, mesmo quando a forma exterior for diferente.

No caso de cada palavra o simples sentido que ela tem no dicionário será primeiro dado entre parêntesis; a sua explicação, que em geral é dada pelo professor, seguir-se-á.

O primeiro estágio, pois, chama-se entre os budistas:

1. Manodvāravajana (*o abrir das portas da mente, ou, talvez, o escapar pela porta da mente*) — e nela o candidato adquire uma firme convicção intelectual da insubsistência e do nulo valor dos fins meramente materiais.

Muitas vezes se chama a isto *aprender a diferença entre o real e o irreal*; e aprendê-la exige por vezes muito tempo e muitas e difíceis lições. Mas é verdade que este deve ser o primeiro passo para qualquer coisa que signifique um progresso real, pois que nenhum homem poderá entrar deveras para o caminho enquanto não tiver nitidamente decidido “*dar a sua afeição às coisas de cima e não às coisas da terra*”, e tal decisão nasce da certeza de que nada na terra tem valor, comparado à vida superior.

A este passo chamam os hindus a aquisição de *Viveka* ou *discernimento* e o **Sr. Sinnett** refere-se a ele como sendo *o prestar vassalagem à personalidade superior*.

2. Parikama (*preparação para a ação*) — o estágio em que o candidato aprende a praticar o bem simplesmente por amor do bem, sem atender ao seu ganho ou perda, quer aqui, quer no futuro, e adquire, como dizem os livros orientais, a perfeita indiferença para com o gozo do fruto das suas ações.

Esta indiferença é o resultado natural do passo anterior; porque o neófito, uma vez que compreendeu o caráter irreal e impermanente de todas as recompensas terrestres, deixa de desejá-las; quando o fulgor do real atingiu a alma, nada que seja aqui de baixo pode continuar a ser objeto de desejo. A esta indiferença superior, os hindus chamam *Vairagya*.

3. Upacharo (*atenção ou conduta*) — o estágio em que devem ser adquiridas as chamadas “seis qualificações” (*Shatsampatti* dos hindus). Chamam-se elas, em *páliâ*:

a) Samo (*quietude*) — aquela pureza e calma do pensamento que provém de um perfeito domínio sobre a mente — qualificação extremamente difícil de conseguir, e, contudo, absolutamente

necessária, porque a não ser que a mente trabalhe só em obediência à vontade, não pode ser um instrumento perfeito para o trabalho do Mestre no futuro.

Esta qualificação abrange muito, e inclui em si a calma e o domínio de si próprio que no Capítulo XIV As Qualificações Precisas, se disse serem indispensáveis para o trabalho astral.

b) *Damo* (subjugação) — um igual domínio e, portanto, pureza das nossas ações e palavras — qualidade essa que decorre naturalmente da que a antecede.

c) *Uparati* (cessação) — que se explica como sendo a cessação do fanatismo ou crença na necessidade de qualquer ato ou cerimônia prescrita por qualquer religião — levando, assim, o aspirante à independência do pensamento e a uma tolerância larga e generosa.

d) *Titikkha* (paciência ou capacidade sofredora) — que significa a prontidão de arcar calmamente com tudo quanto o nosso carma nos imponha, e de nos separarmos de qualquer coisa que seja deste mundo sempre que seja necessário fazê-lo.

Também envolve a ideia da absoluta ausência de rancor pelo mal que nos façam, visto que o indivíduo sabe que aqueles que lhe fazem mal não passam de instrumentos do seu próprio carma.

e) *Samadhama* (concentração) — inteireza e concentração da mente, implicando a incapacidade de ser desviado do seu caminho por qualquer tentação. Isto corresponde muito de perto à “unidade de espírito”, de que se falou no capítulo anterior.

f) *Saddha* (fé) — a confiança no nosso Mestre e em nós próprios, isto é, a confiança em que o Mestre é um instrutor competente, e que, por pouca que seja a confiança natural do aluno nas suas próprias forças, tem, contudo, em si aquela centelha divina que, quando estimulada até se tornar chama, um dia o tornará apto a realizar o que o seu Mestre realizou.

4. *Anuloma* (ordem direta ou sucessão, significando que a sua pessoa segue, como consequência natural das outras três) — o estágio em que se adquire aquele intenso desejo de libertação da vida terrestre, e de união ao

altíssimo, a que os hindus chamam *Mumukshutva*.

5. Gotrabhu (*a condição de estar apto para ser iniciado*) — neste estágio o candidato enfeixa, por assim dizer, as suas aquisições anteriores, e fortalece-as até o grau necessário para o grande passo que se segue, que porá os seus pés sobre o caminho propriamente dito como discípulo aceito.

A chegada a este nível é seguida de muito perto pela iniciação no grau seguinte. Em resposta à pergunta: “*Quem é o Gotrabhu*”? O Buda diz: “*O homem que está de posse daquelas condições, às quais imediatamente se segue o princípio da santificação — eis o Gotrabhu*”.

A sabedoria necessária para que se receba o caminho da santidade chama-se *Gotrabhugana*.

Agora que rapidamente examinamos os estágios do período de provação, devemos acentuar a circunstância a que nos referimos no princípio — de que o perfeito conseguimento destas qualidades e qualificações não se pode esperar no nosso atrasado estágio atual. Diz o **Sr. Mohini**: “*Se todas elas são igualmente fortes, o grau de adepto obtém-se já nesta encarnação*”. Mas está claro que um resultado destes é extremamente raro.

É em direção a estas aquisições que o candidato deve dirigir todos os seus esforços, mas seria errôneo supor que ninguém tem sido admitido ao grau seguinte sem possuir todas elas plenamente.

Nem sempre acontece elas se seguirem na mesma ordem necessária dos graus posteriores; de fato, há muitos casos em que um indivíduo vai desenvolvendo as várias qualificações, todas ao mesmo tempo — mais paralelamente do que em sucessão regular.

É evidente que pode bem acontecer que um indivíduo esteja percorrendo grande parte deste caminho mesmo sem saber da sua

existência, e sem dúvida muito bom cristão, muito livre-pensador sincero, já estará bastante avançado na estrada que eventualmente o levará à iniciação, ainda que nunca tenha ouvido a palavra ocultismo em toda a sua vida.

Refiro-me, de caso pensado, a estas duas classes de indivíduos, porque em todas as outras religiões o desenvolvimento oculto é reconhecido como uma possibilidade, e seria com certeza intencionalmente procurado por todos indivíduos que sentissem a necessidade de qualquer coisa mais satisfatória do que as crenças esotéricas.

Devemos também notar que os graus deste período de provação não são separados uns dos outros por iniciações, no verdadeiro sentido da palavra, ainda que realmente estejam cheios de provas e experiências de toda a espécie e em todos os planos, se bem que estas possam ser aliviadas por outras experiências animadoras, e por conselhos e auxílios sempre que estes podem ser dados com segurança. Temos por vezes a tendência a empregar a palavra iniciação sem precisão alguma, como quando, por exemplo, ela se aplica às provas a que nos acabamos de referir; propriamente falando, esse termo designa apenas a cerimônia solene em que um plano é formalmente admitido a um grau superior por um oficial nomeado, que, em nome do Iniciador Único, recebe o solene compromisso, e lhe põe nas mãos a nova chave da sabedoria que ele tem de usar no nível a que acaba de chegar. Essa iniciação dá-se à entrada a que nos vamos agora referir, e também à passagem de cada um dos seus graus para outro.

Capítulo XVI.

O Caminho propriamente dito

É nos quatro estágios desta divisão do caminho que as dez *Samyojana* ou peias que prendem o homem ao círculo do renascer e o afastam do Nirvana, devem ser abandonadas. E é aqui que surge a diferença entre este período, em que se é um discípulo juramentado, e a provação anterior. Já não basta um êxito parcial na ruptura destas peias; antes que um candidato possa passar de um destes graus para outro, deve ficar *inteiramente livre* de determinadas, destas peias; e, quando se vir quais elas são, reparar-se-á como esta exigência é grande, e não causará pasmo a declaração, feita nos livros sagrados, de que são às vezes precisas sete encarnações para atravessar esta parte do caminho.

Cada um destes passos ou estágios é, por sua vez, subdividido em quatro, porque cada um tem:

- 1.) - O seu *Maggo*, ou *estrada*, durante a qual o estudante está tentando desfazer-se das peias;
- 2.) - O seu *Phala* (*resultado* ou *fruto*), quando vê os resultados da sua ação ao fazê-los revelarem-se mais a mais;
- 3.) - O seu *Bhavagga* ou *consumação*, o período quando, o resultado uma vez inteiramente obtido, ele pode já cumprir satisfatoriamente o trabalho que pertence ao ponto onde agora se encontra; e
- 4.) - O seu *Gotrabhu*, significando como dantes, a ocasião em que chega a um estado de Adepto a receber a iniciação seguinte.

O primeiro estágio é:

I. Sotapati ou **Soham**. O aluno que chegou a este nível chama-se o **Sowani** ou **Sotapanna** — “aquele que entrou para o rio” — porque, deste período em diante, ainda que possa demorar-se, ainda que possa sucumbir a tentações mais sutis e afastar-se um tempo do seu caminho, já não pode inteiramente abandonar a espiritualidade e tornar-se uma criatura deste mundo.

Entrou para a corrente da evolução humana decisivamente superior, a que toda a humanidade deve chegar pela altura do meio da ronda seguinte, a não ser que tenham de ser abandonados alguns como falidos temporários pela grande onda vital, para ficar à espera de prosseguir na outra cadeia de mundos.

O aluno que pode receber esta iniciação já avançou, portanto, para além da maioria da humanidade toda a extensão de uma ronda inteira dos nossos sete planetas e, ao fazê-lo, escapou, de uma vez para sempre, à possibilidade de sair da corrente na quinta ronda. Por isso às vezes se lhe chama “o salvo” ou “o seguro”.

É da má compreensão desta ideia que nasce a curiosa teoria da salvação promulgada por certa seção da comunidade cristã. A “salvação eônica”, de que falam alguns dos seus documentos, não é, como blasfemamente o supuseram os ignorantes, uma salvação da tortura eterna, mas simplesmente de perder o resto desse “eon” ou “concessão” desviando-se da sua linha do progresso. É este, também, o verdadeiro sentido da célebre cláusula do credo Atanásio: “A quem queira ser salvo, é necessário, antes de tudo, que tenha a fé católica” (v. **O Credo Cristão**, p. 91).

As peias que têm de ser abandonadas antes que ela possa entrar para o estágio seguinte são:

1 - Sakkáyaditthi — a ilusão da personalidade.

2 - Vichikichchha — dúvida ou incerteza.

3 - Silabbataparamasa — superstição.

A primeira destas é a consciência de que “eu sou eu”, a

qual, em relação à *personalidade*, não passa de uma ilusão, de que o aluno tem de se desfazer logo ao primeiro passo no caminho ascensional.

Mas quebrar este laço completamente envolve muito mais do que isto, porque implica a compreensão do fato de que a individualidade é, na verdade, uma com o Todo, que não pode, portanto, ter interesses que sejam opostos aos interesses dos seus semelhantes, e que só está na verdade progredindo quando auxilia o progresso alheio.

Porque o vero sinal e selo da obtenção do nível de *Sottapátti* é a primeira entrada do aluno para o plano logo acima do mental — aquele a que em geral chamamos búdico.

Pode ser que seja — em verdade, será — apenas um leve contato com o ínfimo subplano daquela condição estupendamente exaltada o que o aluno por enquanto pode sentir, mesmo com o auxílio do seu Mestre; mas mesmo esse contato é coisa que nunca poderá esquecer — é coisa que abre ante ele um novo mundo e totalmente revoluciona os seus sentimentos e ideias. Então, pela primeira vez, por meio da consciência exaltada daquele plano, ele compreende verdadeiramente a profunda unidade de tudo, não apenas como conceito intelectual, mas como fato nítido, patente aos seus olhos desvendados; então, pela primeira vez, ele sabe qualquer coisa do mundo, em que vive — então, pela primeira vez, obtém um vislumbre do que devem ser o amor e a compaixão dos grandes Mestres.

Quanto à **segunda peia**, é preciso uma palavra de advertência. Nós, educados nos hábitos europeus de pensamento, estamos, infelizmente, tão familiarizados com a ideia de que uma adesão irracional e cega a certos dogmas deve ser exigida a um discípulo, que ao lermos que o ocultismo considera a dúvida como um obstáculo ao progresso, iremos naturalmente supor que ele exige dos seus crentes a mesma cega fé que as modernas superstições exigem. Esta ideia não poderia ser mais errônea.

É certo que a dúvida (ou antes a incerteza) em certos

assuntos é um obstáculo ao progresso espiritual, mas o antídoto para essa dúvida não é uma fé cega (que, como adiante se verá, é, por sinal, considerada também um dos obstáculos) mas a certeza da convicção baseada sobre uma experiência individual ou um raciocínio matemático.

Enquanto uma criança duvidasse da certeza da tabuada, mal poderia tornar-se proficiente nas matemáticas superiores, mas as suas dúvidas só podem ser desvanecidas adquirindo ela a compreensão, baseada no raciocínio ou na experiência, de que o que a tabuada diz é verdade. Ela acredita que duas vezes dois são quatro, não simplesmente porque lhe disseram, mas porque isso é para ela um fato evidente. Ora é este o método, e o único método, de desvanecer a dúvida que o ocultismo conhece.

Vichikichcha tem sido definido como sendo a dúvida a respeito das doutrinas do carma e da reencarnação, e da eficácia do método de obter o máximo de bem por este caminho de santidade; e a rejeição deste *Samyojana* é a obtenção da certeza absoluta, baseada quer sobre o conhecimento direto e individual, quer sobre a razão, de que os ensinamentos ocultos relativos a estes assuntos são verdadeiros.

A **terceira peia a abandonar** abrange todas as espécies de crença irracional ou errônea, toda a dependência sobre a eficácia de ritos externos e de cerimônias para purificar o coração. Aquele que a queira abandonar deve aprender a depender de si próprio e não das formas externas de qualquer religião.

As **primeiras três peias** estão em uma série coerente. A diferença entre a individualidade e a personalidade, uma vez inteiramente compreendida, é então possível, até certo ponto, apreciar o curso real da reencarnação, e, assim, desfazer todas as dúvidas a esse respeito.

Uma vez feito isto, o conhecimento da permanência espiritual do verdadeiro Eu dá a confiança na força espiritual própria, e, assim, desfaz a superstição.

II. Sakadagamin. Do aluno que entrou para este segundo estágio se diz que é um *Sakadagamin* — “o homem que só volta uma vez”

— e significa que um indivíduo que chegou a este nível não deve precisar senão de mais uma encarnação para atingir o grau de *Arhat*. Neste estágio não se quebram mais peias, mas o aluno ocupa-se em reduzir a um mínimo aquelas que ainda o prendem. É, porém, em geral, um período de considerável avanço intelectual e “psíquico”.

Se aquelas faculdades a que vulgarmente se chamam “psíquicas” se não adquiriram ainda, é nesta altura que têm de ser desenvolvidas, visto que sem elas seria impossível assimilar os conhecimentos que vão agora ser dados, ou executar o trabalho superior, em favor da humanidade, em que o aluno tem agora o privilégio de tomar parte. Deve ter a consciência astral em plena posse durante a sua vida física de vigília e, durante o sono, o mundo auxiliar estará patente aos seus olhos — porque a consciência de um indivíduo, quando fora do seu corpo físico, está sempre um estágio acima de onde está quando ainda presa na sua prisão da carne.

III. Anagamin. O *Anagamin* (aquele que não regressa) tem este nome porque, tendo chegado a este estágio, deve poder atingir o estágio seguinte na vida que está então vivendo. Goza, ao ir tratando da sua vida quotidiana, de todas as esplêndidas possibilidades de progresso dadas pela plena posse das preciosas faculdades do mundo celestial, e, quando à noite abandona o seu corpo físico, torna a entrar para a consciência espantosamente ampla que pertence ao *buddhi*. Neste estágio ele acaba de se libertar de quaisquer restos dos dois laços de:

4 - Kamaraga — ligação ao prazer das sensações, tipificado pelo amor terreno, e

5 - Patigha — toda possibilidade da cólera ou de ódio.

O aluno que quebrou estas peias já não pode ser dominado pela influência dos sentidos quer na direção do amor, quer na do ódio, e está livre de qualquer amor ou impaciência por todas as condições do plano físico.

Devemos, nesta altura, outra vez prevenir-nos contra um

mal-entendido possível, e que é frequente encontrar. O amor humano mais puro e nobre nunca morre — nunca de modo algum diminui com a instrução oculta; pelo contrário é aumentado e ampliado até que abrange a todos com o mesmo fervor que a princípio era dado apenas a uma ou a duas pessoas.

Mas o estudante chega realmente a elevar-se por fim acima de todas as considerações relacionadas com a mera personalidade daqueles que o cercam, e assim fica livre de toda a injustiça e parcialidade que o amor vulgar tantas vezes acarreta.

Não se deve, nem por um momento, supor que, ao adquirir esta afeição por todos, ele perde o seu amor especial pelos seus íntimos amigos. O laço desusadamente perfeito entre Ananda e o Buda, como entre S. João e Jesus, serve para provar que, ao contrário, ele se intensifica extraordinariamente; e o laço que liga um Mestre aos seus discípulos é mais forte do que qualquer ligação terrena, porque a afeição que medra no caminho da santidade é uma afeição entre Egos, e não apenas entre personalidades, por isso é forte e permanente, sem risco de que diminua ou flutue, porque é aquele “perfeito amor que expulsa o receio”.

IV. Arhat (o venerável, o perfeito.) Ao chegar a este nível o aspirante goza constantemente da consciência do plano búdico, e pode empregar os seus poderes e faculdades sem sair do corpo físico; e quando abandona esse corpo, em sono ou transe, passa imediatamente para a glória inexprimível do plano nirvânico.

Neste estágio deve o ocultista abandonar os últimos restos das cinco peias restantes, que são:

6 - Rupalaga — o desejo da beleza da forma ou da existência física em uma forma qualquer, mesmo a do mundo celestial.

7 - Arupalaga — desejo de uma vida sem forma.

8 - Mano — orgulho.

9 - Uddhachcha — agitação ou irritabilidade.

10 - *Avija* — ignorância.

Sobre isto temos a observar que o afastamento do *Ruparaga* implica não só o do desejo de uma vida terrena, por grande ou nobre que seja, e de uma vida astral ou devacânica, por gloriosa que seja, mas também de toda a tendência a ser indevidamente influenciado ou repellido pela beleza ou fealdade externa de qualquer pessoa ou coisa.

Aruparaga — o desejo de vida nos mais altos e informes planos do mundo celestial ou no ainda superior plano búdico — seria simplesmente uma forma superior e menos sensual do egoísmo, e tem de ser, portanto, abandonada, do mesmo modo que a inferior.

Uddhachcha — significa realmente “*a tendência para ser mentalmente perturbado*”, e um indivíduo que tivesse enfim deposto esta peia, ficaria absolutamente calmo ante tudo o que lhe pudesse acontecer — inteiramente insensível a qualquer espécie de ataque à sua serena dignidade.

A rejeição da ignorância implica, é claro, a aquisição do perfeito conhecimento — a onisciência pelo que respeita à nossa cadeia planetária.

Quando todas as peias se quebraram, o Eu progressivo atinge enfim o quinto estágio — o pleno estágio de Adepto — e torna-se:

V. *Asekha*, “*aquele que já não tem que aprender*”, sempre, é claro, em referência à nossa cadeia planetária. É-nos atualmente de todo impossível compreender o que isto significa. Todo o esplendor do plano nirvânico está aberto aos olhos de vigília do Adepto, e sempre que queira sair do seu corpo, tem o poder de entrar para qualquer coisa ainda mais alta — um plano que para nós não passa de um mero nome. Como explica o **Prof. Rhys Davids**: “*Ele está agora liberto de todo o pecado; vê e avalia todas as coisas desta vida no seu verdadeiro valor; todo o mal estando já extirpado da sua mente só sente desejos puros para si próprio, compaixão terna, consideração e alto amor pelos*

outros”.

Para mostrar quão pouco ele perdeu o sentimento do amor, lemos no *Metta Sutta* a respeito do estado de espírito de quem está neste nível: “Como a mãe que ama, mesmo com o risco de sua vida protege o filho único, assim sente Ele amor para com todas as coisas.

Que o amor e a bondade prevaleçam em todo o mundo, em cima, embaixo, em torno, sem mistura nem medida, sem que se lhe ligue qualquer sentimento de interesses que se entrecrocem ou divergem.

Quando um homem permanece sempre e firmemente neste estado de espírito, quer ele esteja de pé ou sentado, passeando ou deitado, então se realizam aquelas palavras que estão escritas: “*Mesmo nesta vida se encontrou a santidade*”.

Capítulo XVII.

O Que está para além

Para além deste estágio é evidente que nada podemos saber das novas qualificações exigidas para os níveis ainda superiores que ainda estão adiante do homem perfeito. É bastante claro, porém que, quando um indivíduo se torna *Asekha*, esgotou todas as possibilidades de desenvolvimento moral, de modo que um progresso ulterior só pode significar para ele a aquisição de conhecimentos ainda mais vastos e de poderes espirituais ainda mais extraordinários.

Dizem-nos que, quando o homem assim atingiu a sua maioridade espiritual, quer no lento decurso da evolução, quer pelo caminho mais curto do desenvolvimento de si próprio, ele toma o mais pleno domínio dos seus próprios destinos, escolhendo a linha da sua futura evolução dentre sete possíveis caminhos que ele vê abrirem-se diante de si.

Está claro que, no nosso nível presente, não podemos compreender muito a respeito destes, e o vago esboço de alguns deles, que é quando nos pode ser dito, explica muito pouco ao nosso espírito, exceto que a maioria deles leva o Adepto inteiramente para fora da nossa cadeia terrestre, que já não tem âmbito suficiente para a sua evolução.

Um caminho é aquele dos que, como diz a frase técnica, “aceitam o Nirvana”. Durante quantos incalculáveis milênios eles permanecem nessa sublime condição, para que trabalho se estão preparando, qual será a sua

futura linha evolutiva, são questões sobre as quais nada sabemos; e, na verdade, se alguma informação nesse sentido nos pudesse ser dada, o mais certo é que resultaria de todo incompreensível para nós no nosso estágio atual.

Mas podemos compreender ao menos isto — que o sublime estado do Nirvana não é como alguns ignorantemente supõem, uma condição de absoluto nada mas ao contrário, um estado de atividade imensamente mais intensa e benéfica; e que, à medida que o homem vai subindo na escala da natureza, maiores vão sendo as suas possibilidades, cada vez mais vasto e grandioso o seu trabalho em favor dos outros, e que a sabedoria infinita e o infinito poder significam para ele apenas a infinita capacidade para se dedicar, porque são dirigidos pelo amor infinito.

Uma outra classe escolhe uma evolução espiritual já não tão afastada da humanidade, porque, conquanto se não ligue diretamente à cadeia seguinte do nosso sistema, prolonga-se por dois períodos correspondentes à sua primeira e segunda rondas, ao fim das quais parece que também “aceitam o Nirvana”, ainda que em nível superior àqueles anteriormente mencionados.

Outros seguem a evolução dos devas, cujo progresso está numa grande corrente consistindo de sete cadeias como as nossas, cada uma das quais é para eles um mundo. Desta linha evolutiva diz-se que é a mais graduada, e por isso a menos difícil das sete; mas conquanto às vezes os livros lhe chamem “*o sucumbir à tentação de se tornar um deus*”, é apenas em comparação com a sublime altura da renúncia do *Nirmanakaya* que aquela se pode descrever desta maneira quase depreciadora, porque o Adepto, que escolhe este caminho, tem deveras diante de si uma carreira gloriosa, e, ainda que a senda que escolhe não seja das mais curtas, é,

porém, das mais nobres.

Um outro grupo é formado pelos *Nirmanakayas* — aqueles que, pondo de parte todos estes métodos mais fáceis, escolhem o caminho mais breve, porém mais íngreme, para as alturas que ainda ante eles se erguem. Eles formam aquilo que poeticamente se chama o Muro da Guarda, e, como nos informa *A Voz do Silêncio*, “*protegem o mundo de mais e maior tristeza e sofrimento*”, não, na verdade, guardando-o de más influências externas, mas dedicando toda a sua vontade ao trabalho de sobre ele derramar uma torrente de força e de auxílios espirituais, sem os quais ele por certo estaria em muito piores circunstâncias do que hoje está.

Há aqueles que ficam ainda mais diretamente em relação com a humanidade, e continuam entre ela a encarnar, escolhendo o caminho que conduz através dos quatro estágios daquilo a que acima chamamos o período oficial; entre estes estão os Mestres da Sabedoria — aqueles de quem nós que estudamos a Teosofia aprendemos os fragmentos que sabemos da estupenda harmonia da Natureza em evolução. Mas parece que apenas um número relativamente pequeno adota esta linha — provavelmente apenas tantos quantos são precisos para realizar e continuar esta parte física da obra.

Ao ouvir falar destas diferentes possibilidades, há quem sem pensar exclame que não podia, é claro, haver no espírito de um Mestre outro pensamento que não fosse o de escolher aquele caminho que os leva a mais poder auxiliar a humanidade — observação que um conhecimento maior evitaria que fizessem.

Nunca devemos esquecer que há outras evoluções no sistema solar além da nossa, e é sem dúvida necessário à realização do vasto plano do Logos que haja Adeptos trabalhando em todas as sete linhas

a que nos temos referido.

Seguramente que a escolha do Mestre será para onde o seu trabalho seja mais preciso — para colocar os seus serviços, com absoluto altruísmo, à disposição dos Poderes encarregados desta parte do grande esquema evolutivo.

É este, pois, o caminho que se abre diante de nós, o caminho que cada um de nós deveria principiar a trilhar. Por estupendas que pareçam as suas alturas, devemos lembrar-nos que elas são atingidas só gradualmente e passo a passo, e que aqueles que ora estão nos píncaros já se debateram na lama dos vales, como nós nos debatemos agora.

Ainda que este caminho pareça a princípio difícil e trabalhoso, à medida que subimos, os nossos passos tornam-se mais firmes e a nossa visão mais vasta, e assim nos encontramos em melhores condições para poder auxiliar aqueles que vão subindo ao nosso lado.

Porque é assim árduo e trabalhoso para a personalidade inferior, deu-se às vezes a este caminho o nome, aliás muito impróprio, de “a senda da amargura”; mas, como muito bem disse a **Dra. Besant**, através de todo esse sofrimento há uma alegria íntima e permanente, porque o sofrimento é da natureza inferior, e a alegria da superior. Quando o último vestígio da personalidade desapareceu, desapareceu tudo quanto em nós pode assim sofrer, e no Adepto aperfeiçoado há uma paz ininterrupta e uma alegria perpétua. Ele viu o fim para que tudo tende, e congratula-se com esse fim, sabendo que a tristeza da terra não é senão uma fase passageira da evolução humana.

“Aquilo de que pouco se tem falado é o profundo contentamento que nasce de estarmos sobre o caminho, de compreender a meta e a estrada para ela, de saber que o poder de ser útil aumenta em nós, e que a nossa natureza inferior está sendo

pouco a pouco extirpada. E pouco se tem dito, também, dos raios de alegria que caem sobre o caminho desde os níveis superiores, os vislumbres estonteantes da glória ainda não revelada, a serenidade que as tempestades da terra não podem perturbar. Para alguém que entrou para o caminho, todas as outras estradas perderam o seu atrativo, e as suas tristezas dão-lhe um prazer maior que as melhores alegrias do mundo inferior”. (Vahan, volume nº 12).

Que ninguém desespere, portanto, por julgar a tarefa grande demais para si; o que o homem fez o homem pode fazer, e, exatamente na proporção em que dermos o nosso auxílio aqueles que podemos ajudar, nos darão aqueles que atingiram, por sua vez, o seu auxílio. Assim, desde o ínfimo ao mais alto, nós, que estamos trilhando o caminho, estamos ligados uns aos outros por uma longa cadeia de mútua dedicação, e escusa qualquer de nós de se sentir só ou abandonado, porque, conquanto por vezes os primeiros lances da escadaria estejam envoltos em névoa, sabemos que conduz a regiões mais felizes e a ares mais puros, onde a luz brilha eternamente.



Digitalização e PDF



- {1} **Soía:** flexão do verbo *Soer*: *costumava* (ter por hábito. (N.R.)
- {2} **Devas:** seres não humanos, mais poderosos, quase deuses (N.R.)
- {3} **Arupa:** do esoterismo ou da Teosofia: incorpóreo (N.R.)
- {4} **Devacânico:** de *devacan*, Teosofia, morada celestial onde há beatitude (N.R.)
- {5} **Abstruso:** Difícil de compreender; intricado, obscuro (N.R.)